



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ – UNESPAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES - PPGARTES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – TEATRO

DIEGO ANDERSON SILVA

**VETOR ENTRE VETORES: O ATOR NO LABORATÓRIO DE DRAMATURGIA IN  
VITRO PARA O COVEIRO**

CURITIBA  
2023

DIEGO ANDERSON SILVA

**VETOR ENTRE VETORES: O ATOR NO LABORATÓRIO DE DRAMATURGIA IN  
VITRO PARA O COVEIRO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Estadual do Paraná, linha de de pesquisa em Modos de conhecimento e processos criativos em artes, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientador(a): Prof. Dr. Francisco Gaspar Neto

CURITIBA

2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Silva, Diego Anderson  
Vetor Entre Vetores: O Ator no Laboratório de  
Dramaturgia In Vitro para O Coveiro / Diego  
Anderson Silva. -- Curitiba-PR, 2023.  
86 f.: il.

Orientador: Francisco Gaspar Neto.  
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação  
Mestrado em Artes) -- Universidade Estadual do  
Paraná, 2023.

1. Vetor. 2. Teatro. 3. Improviso. I - Gaspar  
Neto, Francisco (orient). II - Título.

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

DIEGO ANDERSON SILVA

### **VETOR ENTRE VETORES: O ATOR NO LABORATÓRIO DE DRAMATURGIA IN VITRO PARA O COVEIRO**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Artes – PPGARTES da Universidade Estadual do Paraná, Linha de Pesquisa em Modos de conhecimento e processos criativos em artes, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

---

Prof. Dr. Francisco Gaspar Neto

Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/FAP

---

Profa. Dra. Renata Santos Roel

Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/FAP

---

Profa. Dra. Fatima Costa de Lima (Convidada)

Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC

CURITIBA, AGOSTO DE 2023

## RESUMO

Esta pesquisa teórico-prática pretende realizar uma pesquisa-criação autoetnográfica investigando a minha experiência como ator vetor, entre vetores, na prática de seis Laboratórios de Dramaturgia In Vitro para *O Coveiro*, ponto de partida para criação da peça solo *O Coveiro*, última montagem da tetralogia criada por mim em parceria com os artistas que desenvolvo trabalho continuado desde 2016. Uma dissertação escrita por um artista e produtor de teatro com objetivo de realizar uma especulação íntima de um processo, em processo, articulando modos de formular minha experiência prática como ator, pesquisador e escritor, afim de desvelar as metodologias, lógicas, procedimentos e estados de presença na ação em Laboratório. Minhas impressões, sensações, sentimentos e memórias são utilizadas aqui como coleta de material gerado em campo para compor esta dissertação, friccionar as relações que acontecem na prática e coloca-las em contato com o mundo.

**Palavras-chave:** Vetor; Teatro; Improviso.

## ABSTRACT

This practical and theoretical research, intends to carry out an autoethnographic dissertation investigating my experience as a vector actor, among vectors, in the practice of four In Vitro Dramaturgy Laboratories for *O Coveiro*, starting point for the creation of the solo play *O Coveiro*, last montage of the tetralogy created by me in partnership with the artists that I have been working on since 2016. A research and dissertation written by an artist and theater producer with the objective of carrying out an intimate speculation of a process, in process, articulating ways of formulating my experience as an actor, researcher and writer at the Laboratory in order to unveil the methodologies, logics, practices and states of creation through improvisational practice and shared creation. My impressions, sensations, feelings and memories are used here as a collection of material generated in the field to compose this dissertation, rubbing the relationships that happen in practice and putting them in contact with the world.

**Keywords:** Vector; Theater; Jam.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Foto do sexto Laboratório realizado em setembro 2022 .....	14
Figura 2 - Flyer dos Laboratórios realizados em 2022, arte de Julia Brasil .....	17
Figura 3 - Laboratório de abril 2022, roteiro dia 1 .....	19
Figura 4 - Frame de vídeo do Laboratório realizado em 2017.....	29
Figura 5 - Frame de vídeo do Laboratório realizado em 2019.....	29
Figura 6 - Laboratório de abril de 2022, no centro da cena entre câmera e gravador de som .....	32
Figura 7 - Laboratório de abril de 2022, provocação da participante André, ao pé do meu ouvido.....	32
Figura 8 - Laboratório de abril de 2022, provocação e olhares participativos .....	33
Figura 9 - Laboratório de abril de 2022, um bilhete por de baixo da porta, uma provocação.....	33
Figura 10 - Laboratório de abril de 2022, uma porta aberta para a ação .....	34
Figura 11 - Laboratório de abril 2022, materiais, cadernos de criação, textos, vídeos e áudios.....	37
Figura 12 - Laboratório de abril 2022, postagem de Instagram do Grupo Rave de Teatro Amador de Pinhais PR.....	38
Figura 13 - Laboratório de abril 2022, Fernando colocando o podcast para escuta coletiva .....	45
Figura 14 - Postagem do Instagram do Grupo Rave, Laboratório de maio 2022 .....	51
Figura 15 - Postagem do Instagram do Grupo Rave, Laboratório de abril 2022 .....	51
Figura 16 - Frame de vídeo do quarto Laboratório realizado em abril de 2022.....	52
Figura 17 - Frame de vídeo da conversa após o quarto Laboratório realizado em abril de 2022 .....	52
Figura 18 - Frame de vídeo do primeiro Laboratório realizado em março de 2017...62	

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO OU CAVANDO.....</b>	<b>8</b>
<b>1. LABORATÓRIO DE DRAMATURGIA IN VITRO PARA O COVEIRO .....</b>	<b>16</b>
<b>2. COVA 1 .....</b>	<b>24</b>
2.1 EU QUE ESCREVE, COMEÇANDO PELO FIM.....	25
2.2 EM LABORATÓRIO, DIA 1 – PROCEDIMENTOS .....	37
2.3 EM LABORATÓRIO, DIA 1 - DIÁLOGO .....	42
2.4 EM LABORATÓRIO, DIA 2 – A PRÁTICA.....	49
2.5 IMPROVISANDO .....	53
2.6 O MUNDO PRÓPRIO DO COVEIRO .....	54
<b>3. COVA 2 .....</b>	<b>59</b>
3.1 EU ATOR.....	62
3.2 IR E VIR ENTRE TEORIA E PRÁTICA.....	66
<b>4. COVA 3 .....</b>	<b>71</b>
4.1 TRABALHO .....	73
<b>NOTAS.....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICE I.....</b>	<b>81</b>
<b>APÊNDICE II .....</b>	<b>82</b>

## INTRODUÇÃO OU CAVANDO...

*“Não somos autoras de peças de teatro, não somos dramaturgas. Escrevemos no ar da sala de ensaio. Nossa próxima linha é o próximo instante, virgula é, literalmete, respiração”. (Isabel Teixeira).*

Aqui, eu, Diego, ator e pesquisador curitibano, dou a primeira pazada para cavar um buraco em mim e compartilhar na escrita desta pesquisa-criação o meu mundo próprio no Laboratório de Dramaturgia In Vitro para *O Coveiro*, um vetor entre vetores. Utilizo o termo pesquisa-criação, seguindo os passos apontados pela pesquisadora cultural Erin Manning (2018). A pesquisa-criação aproxima a pesquisa já existente no trabalho em arte a novas formas de experiência de conhecimento, criando outras estratégias operativas para aproximar a dissertação da prática artística foco dessa pesquisa.

Seguindo esse pensamento, proponho uma bricolagem de textos reflexivos, diários, memórias e referenciais teóricos que imbricados produzem um saber cujo acento está no acontecimento da realização de uma obra em processo. Pensamentos, pedaços de diário, descrições, imagens, links, vídeos e cadernos de dramaturgia serão usados para que articulados e rearticulados se aproximem de minhas reflexões e prática. Pulsando no desejo de aproximar o leitor intimamente da pesquisa, da experiência artística e do pesquisador que vos fala, apresento a seguir um primeiro fragmento desse diário/caderno de escritas para esta dissertação:

*Tem algo que fica quando alguém conta, quando alguém conta algum efeito da coisa ainda age. Age na medida que quando conto, recrio e crio novamente o acontecimento. Esse alguém que conta, conta de dentro, estava no enquanto, vetorizava na prática em laboratório e agora vetoriza a experiência memória em forma de escrita.*

*Aqui é o coveiro de Curitiba. Maio de 2023. Este é um caderno de processo em processo. Uma te(a)tralogia<sup>1</sup> no meio do caminho. Sou o*

---

<sup>1</sup> 12 artistas se reúnem para criar 4 peças, Te(a)tralogia. Em 2015, este grupo de artistas se reuniu para criar *Lovlovlov – peça única dividida em cinco choques*, trabalho sobre a vida de Carmen Miranda, onde percebemos que, a partir do desenvolvimento desta criação, poder-se-ia aprofundar os processos de pesquisa e criação de dramaturgia e cena de forma compartilhada pelo grupo, investigando suas

*último ponto. Aquele que cava, escava, emburaqueia, coloca, ajeita, embala, cobre, planta, tampa, enterra, sepulta. Um fio condutor entre. Vivo, por que enterro. No fim, viver é ver os outros morrerem, se ver, ou tentar não se ver morrendo a cada dia. Estar vivo é viver o tempo passar, ser o tempo passando. Viver é ser enquanto passamos. Entre a presença, a matéria e o virtual, o que está entre nós. O meio. A condução. O último servente. O limite. O que finda, fecha, separa, abre e torna a fechar. Escrevo do bloco de notas. Transito, o trafegar, entre o aqui e o amanhã não estar. Somos um ponto de passagem, a vida é entre o tudo e o nada. É tudo e não é nada. É o que está, é o que fica, e o que fica nada sabemos, não estamos mais, passamos. Vamos conversar sobre mundo próprio, indivíduos e coletivos, encontros para uma ação, sobre uma prática. O teatro como encontro. Alteridades em debate. Desejos, provocações, sussurros e processos de criação, experiências de sensações e subjetivações, transformações e geração de coisas, impressas através de sussurros provocando reações, imagens, vozes, atravessamentos de pessoas e coisas. Seres, mundos, ambientes, espaços, processos entre indivíduos em um jogo de alteridades que produzem compartilhadamente, em coletivo, uma geração coisas-cenas.*

A partir desse fluxo de pensamento, surgem as primeiras questões sobre os possíveis contornos que a escrita desta pesquisa pode tomar: Como realizar uma pesquisa em que me coloco não apenas como sujeito e objeto, mas como agente de

---

lógicas, línguas e pulsos. O estudo e prática da *Escrita na Cena*, metodologia utilizada para a criação de uma dramaturgia própria, a reutilização de dispositivos potentes descobertos em sala de ensaio, o trabalho em relação a atuação, o aprofundamento no processo de criação colaborativa de uma mesma equipe de criação. O interesse central do grupo é o de criar atmosferas, modos de estar na cena e vocabulário próprio para promover relação e encontro com o espectador. Assim, este grupo de artistas criou a série *Te(a)tralogia*. Série estruturada na criação de 4 peças: *Lovlovlov - peça única dividida em cinco choques* (2016); *PEOPLE Vs. PEOPLE* (2019); *PEOPLE Vs. TESLA - peça elétrica para moviola* (em criação, com estreia prevista para 2022) e *O COVEIRO* - pesquisa continuada, iniciada em 2017. Em 2020 lançam a áudio série *PEOPLE Vs. TESLA - peça elétrica para ondas de rádio* e em 2021 o documentário *te(a)tralogia*. O corpo criativo das peças é composto pelos artistas: Diego Marchioro, Elenize Dezgeniski, Fernando de Proença, Isabel Teixeira, Edith de Camargo, Cindy Napoli, Beto Bruel, Augusto Ribeiro, Nadja Naira, Elke Siedler, Renata Roel, e Paulo Vinicius. Um grupo de pessoas unidas por um grupo de peças. Uma *te(a)tralogia* no meio do caminho.

estudo? Meu corpo e ação em campo são os agentes desta pesquisa, como narrar e problematizar minha própria experiência in-ato, no movimento de pesquisa-criação?

Segundo Silvye Fortin (2009) e Mônica Dantas (2016), o desenvolvimento de pesquisas na universidade, por muitos artistas, vem consolidando a autoetnografia como uma escrita de si que permite o ir e vir entre experiências pessoais e as dimensões culturais, questionando e refletindo através das obras artísticas e textuais a produção de conhecimento intrínsecos a prática artística. Fortin (2009) afirma como a crise da representação tem sido uma das maiores questões sobre os estudos etnográficos, visto que a descrição seria a possibilidade mais próxima de uma visão pura e neutra do campo, mas que, ao mesmo tempo, aproxima o leitor da construção subjetiva e da presença do pesquisador, até fazer deste o objeto central nos estudos autoetnográficos, e escreve: “Se a pessoa que conduz a investigação é indissociável da produção de pesquisa, por que, então, não observar o observador? Por que não olhar a si mesmo e escrever a partir de sua própria experiência” (FORTIN, 2009, p. 82).

Me coloco a observar a minha própria experiência nos Laboratórios como caminho para a escrita e produção desta pesquisa, que se faz ancorada na minha prática como ator. Me auto-observo, descrevo, relato os acontecimentos, acumulo registros em vídeo, transcrições da prática, falas e retornos dos participantes de cada Laboratório. Minhas impressões, sensações, sentimentos e memórias são utilizadas aqui como coleta de material gerado em campo para compor esta escrita. Ainda não se sabe ao certo qual formato e rumos essa pesquisa seguirá, em todo caso, a decisão de dar contorno às experimentações vividas como ator e propositor dos Laboratórios de Dramaturgia In Vitro para *O Coveiro* são os motivadores desta dissertação<sup>2</sup>.

Assim, este investigador que vos fala, escreve e se compromete não apenas como objeto e sujeito, mas como agente da investigação à medida que se encontra imerso no campo de trabalho estudado, apresentando aqui uma reflexão e autorreflexão das práticas e acontecimentos gerados na ação, desenvolvendo saberes a partir de minhas experiências e reflexões nesta pesquisa-criação, no trânsito entre a obra e a escrita e, também, do que acontece no entre e que, aqui, é

---

<sup>2</sup> Dantas (2016) aponta a pesquisa em artes e pesquisa de práticas artísticas como forma de produzir conhecimento, através da explicitação de saberes implícitos as operações desenvolvidas na produção artística.

possível dissertar, vetorizando nesta escrita o que acontece na prática da criação, como fala Dantas (2016):

A pesquisa em arte se situa no contexto de uma prática pessoal, é conduzida e realizada pelo artista a partir do processo de instauração da obra, articulando num mesmo processo a produção de uma obra ou situação artística e uma forma de saber sobre esta produção que interage com a obra. (DANTAS, 2016, p. 170).

Me coloco no centro dessa escrita como vetor, participante/observador, em campo e nesta dissertação, onde através dos dados coletados da prática, desenvolvo um olhar que não separa o fazer artístico do fazer investigativo. Através do meu corpo, realizo a prática e munido das memórias e reflexões do acontecimento da experiência, busco, fazer ver e gerar conhecimento através do processo artístico. No trânsito de ir e vir da experiência dos Laboratórios para a experiência desta escrita, o corpo que aqui escreve, elabora e re-elabora suas sensações e percepções. Fortin (2009) destaca que na maior parte das pesquisas em práticas artísticas, a descrição e a reflexão a partir da experiência empírica do campo como possibilidade de descrever o comportamento humano através de um ponto de vista privilegiado pela presença do pesquisador como sujeito participante se encontra no terreno da prática. Então, a partir disso, como as teorias estudadas, a experiência vivida e a descrição, mobilizam, friccionam e atravessam-se uma à outra? Fortin (2009) defende que:

Os dados etnográficos e auto-etnográficos me aparecem como os materiais privilegiados para o estudo da prática artística. Os dados do campo levam a se deslocar do ponto de articulação entre um método em questão e uma forma de análise avaliada, assim que, da diversidade de suas utilizações, emerge, pouco a pouco, uma aproximação unificante, ultrapassando as tradições existentes da pesquisa. Eu encorajo assim o desenvolvimento possível de métodos de pesquisa adaptados às necessidades da prática artística. (FORTIN, 2009, p. 86).

Deste modo, eu, artista, utilizo os dados coletados *in loco*, in-ato na sala de ensaio para a criação; a coleta desses dados autoetnográficos se aproxima do trabalho artístico conectando esta pesquisa ao cerne da criação. Estabeleço uma analogia entre o manusear dos materiais de elaboração da cena e os materiais de construção deste texto, abrindo campo fértil para a discussão. Para Dantas (2016): “Essa escrita etnográfica utiliza procedimentos como a justaposição, a manipulação e a colagem inabitual de objetos, de sons, de imagens e de movimentos, para restabelecer os sentidos da experiência de campo” (DANTAS, 2016, p. 175). Assim,

busco trazer a subjetividade da experiência artística para a escrita, no trânsito entre a obra e a dissertação, com o desejo de promover um texto vivo que reflita minha experiência pessoal e as dimensões culturais do meu trabalho em arte, ultrapassando a experiência individual do sujeito para uma narratividade coletiva que manifesta e enuncia o acontecimento sensível e singular da obra. Meu intuito aqui, é fornecer ao leitor o contato com a produção artística dos Laboratórios para *O Coveiro*, através de descrições e reflexões dos detalhes da experiência como pesquisador, vividas em campo, promovendo uma íntima aproximação com as experimentações como ator no período entre 2017 e 2022 nos Laboratórios, realizados em Curitiba.

Cavando, desencubro, nessa escrita, o objeto de arte e minha atuação como artista no Laboratório de Dramaturgia In Vitro para *O Coveiro*, desejando agir como um “atrator caótico”, um agente disruptivo, como sugere a psicóloga Virgínia Kastrup,

[...] promover algo que nos toque no âmago, provocando-nos a reagir em resposta, desestabilizando normas e sistemas normativos, inventando problemas que nos induzem a questionar e buscar soluções gerando novos conhecimentos a partir do caos. (KASTRUP, 2001, p. 17).

Deste ponto de vista, conhecer não é assimilar e traduzir os estímulos do mundo, mas edificar mundos através de atos compositivos com o meio.

Essa pesquisa-criação se tece ancorada na minha prática artística no Laboratório de Dramaturgia In Vitro para *O Coveiro*, - ele é um processo de criação *in loco* para composição de dramaturgia através de estímulos dos participantes para criação de cenas através de improvisos. Ao acompanhar e vivenciar de dentro o que ocorre, articulo modos de formular sobre minha presença na ação em campo como ator, propositor e ministrante. Interessa aqui, refletir como a minha presença de ator no ato do Laboratório opera como agente que articula vozes e provocações dos participantes, em um improviso contínuo para a geração de cena e de dramaturgia. Reflito como minha presença e ação agem como um vetor entre vetores partícipes. Como na prática direciono as ações, movo a experiência na busca de sentidos.

A noção de vetores formulada por Whitehead é útil porque dá um forte sentido à qualidade mais-que-humana que a experiência da artificialidade (*artfulness*) carrega. O vetor, na obra de Whitehead, é definido como a força do movimento que viaja de uma ocasião de experiência a outra ou dentro de uma mesma ocasião singular. (MANNING, 2018, p. 277).

Whitehead, conectando o vetor ao sentir, escreve: “Sentires são vetores; por essa razão, eles sentem o que está lá e transformam no que está aqui” (WHITEHEAD apud MANNING, 2018, p. 277). Ele considera os sentires, como a força do acontecimento se expressando. Vetores são os sentires que possuem a força do momento, uma intuição que leva a uma direção. Seguindo esse caminho, o que acontece comigo na ocasião da experiência é que conforme sou provocado a improvisar, a provocação me afeta os sentidos movendo o que me foi dito na direção de uma ação correspondente. Os sentimentos me forçam a mover e agir em resposta, na medida que sigo agindo, na experiência do acontecimento outros sentimentos me atravessam os sentidos e me levam de um momento a outro transformando indicações em ações. O sentimento que surge em uma inspiração para o imprevisto me faz mover no sentido de uma resposta na cena, transformando esse sentimento em um determinado gesto ou fala. Desta forma, vetorizo as provocações sussurradas em meu ouvido pelos participantes para uma direção, procurando um sentido, um significado, agindo como um vetor entre vetores. Em um dos Laboratórios, alguém me dá um punhado de tecidos brancos e me diz que são corpos, que tenho que enterrá-los. Mas, o cemitério esta super lotadao e não tem mais covas.

– *Como devo agir com isso?*

Em outro momento, recebo um relógio e uma frase:

– *Mais um dia ou menos um dia.*

Em seguida, outra pessoa me dá um fone com uma música, para eu ouvir e fazer o que quiser com ela. Em outra provocação, alguém diz:

– *Se aproxime lentamente da câmera até chorar.*

Que sentimentos, que emoções buscar para que o choro surja? Este ator que vos fala, precisa como um vetor, sentir o que está sendo indagado e no movimento, viajando de uma ocasião a outra, dentro da mesma experiência singular de ser instigado, partir para a ação, transformando no que esta aqui em imprevisto.

Figura 1 - Foto do sexto Laboratório realizado em setembro 2022



Fonte: Acervo do autor. Fotografia de Lidia Ueta.

[Link para o sexto Laboratório na Caixa Cultural Curitiba, setembro 2022:  
<<https://youtu.be/CJVakFRfujs>>].

[Link para a conversa com os participantes do sexto Laboratório:  
<<https://youtu.be/lw05swM0x8o>>].

Os participantes, por sua vez, sentem, se afetam com a cena e me vetorizam novas provocações, que tornam a me afetar e as vetorizo em outras ações em resposta. Assim, seguimos compondo de um improviso ao outro. O Laboratório produz material para a escrita dessa pesquisa, que busca trazer nela os efeitos da experiência. Sigo na tentativa de vetorizar os sentires gerados no acontecimento da criação em uma escrita que te toque, te afete e te faça produzir outros efeitos.

Observo, na prática, como eu, ator em constante estado de improviso, vetorizo aspectos da presença que transitam entre propor, experienciar e provocar procedimentos de cena em um constante fazer-se in-ato<sup>3</sup> (movimento dentro do

<sup>3</sup> O in-ato é a defasagem do processo pontuado por uma ocasião de experiência. Nessa defasagem, as diferenças de grau entre o ainda-não (*not yet*) e o terá sido (*will have been*) são sentidas nas orlas da experiência. Elas são sentidas no curso da movência, quando o mais-que da experiência é ativado. Sentir na movência, ativar o mais-que que faz coincidir a objetividade (*object likeness*) e a

movimento, no ato da ação, em uma relação de causa e efeito imanente ao fazer), ao mesmo tempo em que provoço e sou provocado pelos vetores participantes.

Em um outro exemplo, uma pessoa me diz para deitar no chão como um defunto. Que efeito surge em mim neste gesto?

Meu corpo com sua singularidade sensível dialóga em mão dupla com o meio, com esse ambiente, sendo afetado e respondendo, nesse processo sendo fabricado pelo contexto ao mesmo tempo, fabricando o contexto com minha resposta, com meu gesto. (LIMA, 2013).

Não sou só eu, Diego, que deito como um defunto. Na imanência somos ao mesmo tempo, eu diego, eu coveiro, provocador e provocado que deitamos. Nesta causa, o efeito é que o Laboratório todo se deita, mobiliza outros sentidos em todos os participantes.

Em um outro exemplo, na relação de causa e efeito, no sexto Laboratório, em setembro de 2022, alguém me sugere que repita uma frase até ela se tonar um grito.

– *O cemitério é triste por causa do arrependimento das pessoas.*

Entre repetir a frase em um crescente até transformá-la em grito, meu estado de presença se modifica, preciso me afetar, desencavar sentimentos em mim, resgatar memórias, encontrar sentidos, mobilizar os sensores do meu corpo, minha voz, canalizar minha energia para compor e transformar uma repetição em grito. Neste gesto, conforme modulo minha resposta, também estímulo, vetorizo os afetos dos participantes à trazerem novas questões para serem improvisadas.

Penso o vetor como este processo de receber, transformar e conduzir, agir como um portador de provocações que as orienta, busca sentido e as transmite, traduzindo as ideias em forma de ação através de minhas gestualidades em improviso. Ao habitar as camadas do tempo na experiência do Laboratório, vividas em coletivo, ativo no corpo um estado de prontidão, que faz se presentificar o Coveiro no ato da performance, expandindo as proposições individuais dos participantes para o coletivo, na cena, através do meu corpo e ação em constante estado de atenção, onde tudo age e tudo pode vir a agir.

---

relacionalidade do campo, significa experimentar o tempo não-linear, em que tudo é quase e tudo age. (MANNING, 2018 p. 263).

## 1. LABORATÓRIO DE DRAMATURGIA IN VITRO PARA O COVEIRO

O Laboratório para *O Coveiro*, propõe a criação de uma dramaturgia expandida, criada por todos os participantes de cada Laboratório com duração de dois dias. O primeiro dia abarca uma fundamentação da prática que será realizada, nosso percurso como artistas propositores, uma exposição dos materiais gerados nos Laboratórios anteriores, a metodologia do jogo que será desenvolvido no dia seguinte e um debate sobre a figura do coveiro. Os participantes são convidados a adentrarem na pesquisa sobre esta figura, sendo instigados a trazerem proposições, provocações, textos, músicas e objetos para induzir o improviso em mim, ator, no dia seguinte.

Em experiência prática no segundo dia do Laboratório eu e os participantes, munidos de nossos materiais: um ator, eu, um diretor e um co-diretor, uma figura, o Coveiro, um tripé, uma câmera de vídeo, um gravador de som e um espaço. Definimos em conjunto um lugar no espaço, o enquadramento da camera e em seguida iniciamos um processo contínuo de provocação e improvisação. Onde eu, Diego, o Coveiro, na cena como um vetor, articulo as inspirações feitas pelos participantes em meu ouvido. Os outros participantes não sabem e não ouvem o que me foi provocado, apenas assistem o que improviso e imaginam o que me foi sussurrado. Quando sentem que terminei uma ação, outro participante vem ao meu ouvido e traz um novo estímulo e assim sucessivamente. Começa assim um jogo de improviso contínuo de aproximadamente uma hora e meia. Sou o Coveiro no centro da ação, recebendo e articulando as provocações dos participantes. Essas inspirações podem abranger fragmentos de textos, músicas, sons, gestualidades, relações com o espaço, objetos ou com as pessoas que ali estão, com a câmera, com meu corpo e assim por diante. Me torno um vetor, atizado, provocado, realizando o que os participantes me inspiram a fazer, manipulando em tempo real, o que me é solicitado, em forma de improviso contínuo e ininterrupto, criando e compondo entre um gesto e outro. Os participantes experimentam suas provocações moduladas através das minhas ações. A criação se estabelece no tempo da composição entre o que me é instigado e minha ação em resposta. Os estímulos não possuem restrições, apenas a indicação de que tenham a ver com a figura e o universo possível do Coveiro, e que, encadeados, possam ir constituindo uma dramaturgia.

A figura do Coveiro se expande e adquire vida própria e se presentifica no ato do improviso. É o manipulador da ação, manipulado pelas provocações. Aquele que

sempre está oculto como figura final de um processo de vida, aquele sobre o qual preferimos não pensar, agora ganha foco central no Laboratório. É ele o centro da ação.

A escrita *in-loco* e sua realização imediata por mim, aproxima o labor dramático na sua imediata realização na cena. Todo o improviso praticado é filmado e posteriormente este material em vídeo é editado de forma a apenas retirar a intervenção dos participantes, gerando um vídeo editado apenas com os improvisos em cadeia, gerando um vídeo com uma visão dos improvisos em continuidade, sem pausas e interferências entre as cenas. Todo o material bruto do registro em vídeo é transcrito, resultando em um caderno dramático a cada Laboratório. Abaixo segue o *flyer* e convite para a inscrição no Laboratório realizado em de abril de 2022:

Figura 2 - Flyer dos Laboratórios realizados em 2022, arte de Julia Brasil



Fonte: Acervo do autor.

**Laboratório de Dramaturgia In Vitro para O Coveiro de Isabel Teixeira,  
Fernando de Proença e Diego Marchioro**  
ministrada por Fernando de Proença e Diego Marchioro

Dias: 01 e 02/04 – 14 às 18h - 20 vagas

Local: Centro Cultural Sistema FIEP - Sala Black Box  
(Rua Paula Gomes, 270 | Edifício Dr. Celso Charuri)

~~~

A partir da pesquisa que vem sendo realizada pelos atores/diretores/dramaturgos Isabel Teixeira, Fernando de Proença e Diego Marchioro nos últimos anos, o estudante/dramaturgo irá ter contato com o personagem do Coveiro.

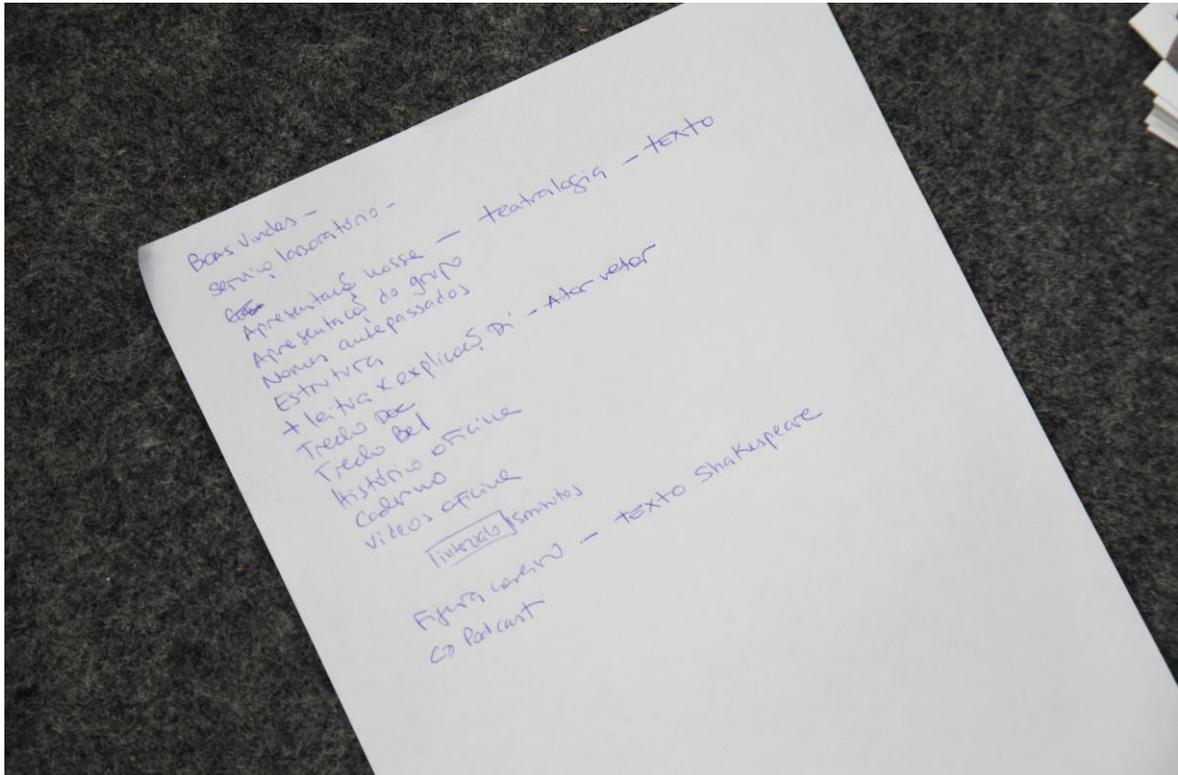
O trabalho prático da escrita será o objetivo principal da oficina. Os alunos serão convidados a adentrarem na pesquisa sobre a figura do Coveiro, que será interpretado por Diego Marchioro. A partir de um treinamento específico e da subsequente instrumentalização para o ato da escrita, iremos realizar um laboratório onde o grupo irá escrever coletivamente e ver sua escrita imediatamente realizada pelo intérprete. A figura tradicional do Coveiro se expande e adquire vida própria na cena teatral. É o manipulador da ação, manipulado pelos dramaturgos. Aquele que sempre está oculto como figura final de um processo de vida, aquele sobre o qual preferimos não pensar, agora ganha foco central. É ele o centro da ação. A escrita *in loco* e sua realização imediata pelo intérprete tem como intuito a aproximação do labor dramático e sua realização em cena. Todo material realizado nos laboratórios práticos será registrado para estudo posterior.

A escrita teatral, nos dias atuais, não pode ser considerada meramente um trabalho solitário do escritor. A dramaturgia se expande no entorno do fazer teatral. Tudo, na cena, escreve. Essa oficina pretende explicitar uma construção dramática que parte da Escrita na Cena. A dramaturgia escrita pelos autores ganha outras tintas quando é falada. A atmosfera do ateliê, a construção do campo de trabalho e o jogo entre os escritores e o ator interferem e modificam as palavras que partem do papel. Cria-se, portanto, um ciclo onde a escrita e a interpretação vão se alimentando mutuamente. Diego Marchioro, Fernando de Proença e Isabel Teixeira desenvolvem o Projeto Te(a)tralogia e estão trabalhando na sua 3ª montagem *People Vs Tesla*.

Com este convite para participarem do Laboratório, desejo convidar o leitor a adentrar nas camadas desta experiência prática. Descrevo a seguir todas as etapas e procedimentos realizados nos dois dias, para que o leitor possa se aproximar intimamente da experiência em Laboratório.

Meu primeiro trabalho, como na imagem que segue, é criar e recriar roteiros para os Laboratórios. Um dos primeiros pontos é dar as boas vindas aos participantes e me apresentar, me abrir, contar um pouco da minha trajetória e caminhos no teatro.

Figura 3 - Laboratório de abril 2022, roteiro dia 1



Fonte: Acervo do autor. Fotografia de Elenize Dezgeniski.

Assim como no roteiro acima, no início de cada Laboratório, começo me apresentando, como faço agora, também para você que me lê:

Eu sou Diego Marchioro, sou ator e diretor de produção, tenho 35 anos, sou formado em cinema e mestrando em artes pela UNESPAR. Trabalho continuamente com teatro desde os meus 13 anos, onde iniciei minha trajetória através da prática como ator em grupos de teatro amador em cursos livres nas regionais da cidade de Curitiba, simultaneamente aos cursos passo no teste de seleção do GRUTA, Grupo de Teatro Amador do Colégio Estadual do Paraná. Em 2001, no meu terceiro ano participando deste grupo, agora estudante do colégio e integrando o grêmio estudantil, encontro um projeto da realização do primeiro Prêmio Bento Mossurunga – festival de teatro amador estudantil, que havia acontecido muitos anos antes, não sei precisar a data pois encontrei apenas registros da primeira edição nos arquivos do grêmio.

Empolgado com a ideia de realizar uma segunda edição do festival, monto, de forma autodidata, um projeto para uma nova edição do prêmio, reúno amigos e interessados do grupo para ajudarem na realização e apresento para a direção do colégio uma proposta para uma segunda edição. A direção aceita e nos disponibiliza uma sala, telefone e impressora. Assim, com vários amigos do grupo, voluntariamente trabalhando, a diretoria nos dando apoio, uma pauta no teatro do colégio – Auditório Bento Mossurunga, seguimos atrás de apoios (gráfica, prêmios, divulgação e etc.), abrimos inscrição para grupos da cidade, selecionamos, criamos uma programação e realizamos o segundo Prêmio Bento Mossurunga.

Gosto de contar essa história, pois, dessa forma, completamente no desejo e na ação, começo de forma prática e autodidata a entender o que é ser um produtor, a compreender como tornar possível e viabilizar o meu trabalho.

Sigo minha trajetória participando de outros grupos e escolas de teatro. Aos 18 anos, resolvo montar um projeto para viabilizar a minha primeira peça de teatro e o apresento para o diretor Edson Bueno, do Grupo Delírio, que aceita mesmo sem dinheiro, dirigir a peça. Levanto apoios e parcerias, conseguimos uma pauta no teatro e assim estreio minha primeira peça profissional. Começo a fazer divulgações, colar cartazes e distribuir panfletos para vários grupos da cidade e, aos poucos, vou me aproximando dos grupos e profissionais, vou entendendo como trabalhar, estudando os projetos e leis, participo de cursos de produção e tiro os meus registros profissionais como ator e produtor. Entre panfletar para as peças e fazer cursos, trabalho como contrarregista, operador de som, assistente de produção, e alguns anos depois começo a produzir o Grupo Delírio e a desCompanhia de Dança, dirigida por Cintia Napoli.

Ao longo dos anos me torno o Diretor de Produção das duas companhias, criando e desenvolvendo projetos através de editais e leis de incentivo, participando de festivais, vendendo os trabalhos de repertório. Durante 6 anos trabalho com os grupos, depois em outros coletivos e produtoras, e paralelamente, em 2006, fundo a minha produtora, a Rumo de Cultura. Sigo há 17 anos trabalhando com minha produtora em parceria com diversos grupos e projetos artísticos, aprendendo e desenvolvendo projetos de diversas áreas, trabalhando com música, audiovisual, fotografia, dramaturgia, e todos os tipos de leis de incentivo, editais, empresas e prestações de serviços artísticos e culturais. Com o passar dos anos vou me aproximando e trabalhando com outras áreas artísticas, produzo shows, livros,

exposições e filmes, e principalmente projetos de artes cênicas. Em 2018 me formo bacharel em cinema. Em 2017 fundo, com mais 4 produtores, o espaço Cultural Casa Quatro Ventos e desde 2016 desenvolvo o projeto autoral te(a)tralogia juntamente com mais 12 artistas, colaboradores e criadores, do qual esse Laboratório faz parte da criação da quarta peça que encerra essa tetralogia.

Conto tudo isso, demonstrando como minha experiência no teatro e na arte foi sempre se dando através da prática, do desejo de viabilizar projetos para que pudesse estar em cena, onde eu possa continuar criando e sendo artista. Então, a produção, para mim, foi sempre uma forma de viabilizar, de encontrar jeitos de realizar os meus projetos de arte. Nestes mais de 20 anos, desde o teatro amador, pude aprender no corpo e na prática a criar lógicas de trabalho, entender diversos tipos e meios de produção, os mecanismos e leis de incentivo à cultura, aprendi a ser um prestador de serviço, a encontrar formas de captar incentivo, patrocínios, a lidar com a burocracias, entender de finanças, prestar contas, pensar os meios e processos de comunicação, desempenhar ações sociais, compreender e passar por todas as etapas de um projeto de arte e cultura, articular as pessoas, públicos diversos, para, sobretudo, continuar criando. Criar meios, criar o trabalho, criar os meus trabalhos, fazer e pensar as artes e a cultura.

Uma vez apresentado ao leitor, traço, a seguir, algumas questões, os contornos e capítulos dessa dissertação apontando meus principais interlocutores.

Na realização desta pesquisa-criação, tenho como principais interlocutores Fernando de Proença, ator, jornalista, dramaturgo e diretor curitibano e Isabel Teixeira, atriz, diretora e dramaturga paulista, parceiros de laboratórios e criação de cena desde 2015 no projeto te(a)tralogia.

Divido esta pesquisa-criação em três covas:

Cova 1 Presente; Cova 2 Passado; Cova 3 Futuro.

Na cova Presente, ou começando pelo fim, trafego o caminho de como os Laboratórios agem em minha criação hoje e no que ele ainda pode vir a gerar. Apresento a metodologia de criação *A Escrita na Cena*, trazida pela Isabel Teixeira e conto onde emergiu a idéia dos Laboratórios. Converso com o artista e pesquisador João Fiadeiro para pensar o tempo na arte e a “composição em tempo real”. Convido o leitor a participar dos dois dias de realização através de uma escrita detalhada de tudo que é falado, compartilhado, discutido e realizado em cada dia de prática, a partir da realização do quarto Laboratório. Sopram em meu ouvido as artistas da dança

Christine Greiner e Marila Velloso, para perceber os sensores perceptivos corporais, aprendizagem corporalizada, corpomente, ambiente e alteridade. Aproximo a idéia de “mundo próprio” trazida pelo biólogo Jakob Vox Uexkull, entendendo o mundo próprio do Coveiro e as relações no ambiente do Laboratório. Dialogo com a “unwelt” de Francisco J. Varela, pensando a necessidade de realização do indivíduo, precisando encontrar ambiente adequado para que ele possa existir.

No passado, ou eu coveiro, relembro a experiência em meio a execução do primeiro Laboratório, buscando desvelar os estados que meu corpomente alçam na prática, as sensações e sentimentos que me atravessam como ator executando os improvisos. Discuto o acontecimento do Laboratório e a transposição de algumas ações para o caderno de dramaturgia. Abro um trânsito entre a teoria e a prática escutando a teórica cultural Erin Manning através dos conceitos de “jeitinho”, “mais-que”, e “artimanha” propostos pela autora. Procurando entender como a arte age e nos faz sentir, e como os Laboratórios revelam sua tecnicidade criativa e fazem ultrapassar os procedimentos técnicos convidando os participantes a se afetar e serem afetados. Articulo o diálogo da autora com o filósofo Alfred North Whitehead para pensar a idéia de vetor, em como ajo como vetor na prática em Laboratório e provoço os participantes a também agirem como vetores. Neste processo encontro com Gilbert Simondon e os pensamentos de transindividuação, entendendo como no contato entre indivíduos, no meio entre alteridades, mergulhamos em individuações que nos fazem saltar para o transindividual e responder nossas questões em contato com os outros.

Na cova quatro, futuro, concluindo o inacabamento, transito pelo trabalho presente em todas as etapas de criação e construção dos Laboratórios e desta pesquisa, escavando todas as articulações trabalhadas para que os acontecimentos entre as pessoas e coisas em Laboratório se realizem. Nestas articulações encontro a “metamorfose” de Emanuelle Coccia como uma resposta a continuidade da vida e suas transformações. Procurando entender a “metamorfose” como uma suspensão temporária de todas as identidades, tanto as do eu como as do mundo, buscando entender a vida como um fluxo que nos atravessa tanto de dentro quanto de fora.

Através desses encontros, busco tornar essa escrita uma experiência viva, que fale contigo e te convide a fazer com ela, que te vetorize a fazer comigo. Mas, quais perguntas te fazer, me fazer? O ideal seria que você escrevesse aqui comigo. Essa seria a melhor maneira de trazer a experiência, o acontecimento em campo, nos

Laboratórios, para a experiência do leitor, para dar vida a essa escrita. Que você pudesse me perguntar e ver a resposta imediatamente dita, como as provocações dos participantes e improvisos que eu correspondo nos Laboratórios. Enquanto isso, sigo aqui, tentando te responder, me responder, aqui, contigo. Vamos tentar? Como este ator que vos fala vai se fazendo Coveiro através dos olhares, presenças, sussurros, mãos, braços, bocas de quem, ali, em Laboratório, o provoca? O que o meu corpo, ator, Diego, carrega junto ao entrar nesta cova?

Vou apresentar, nos próximos capítulos, um ir e vir entre prática e teoria, desenterrando covas abertas entre recortes de textos, escritos, como: diários, fluxos de pensamento, como memórias, escritas para essa dissertação. Entre imagens, links de vídeos, sons e fragmentos dos cadernos de dramaturgia gerados, elaboro a seguir respostas para o que acontece comigo como ator, vetor, na prática dos laboratórios. Vamos lá....

## 2. COVA 1

**P R E S E N T E**

**ou começando pelo fim**

## 2.1 EU QUE ESCREVE, COMEÇANDO PELO FIM

*Cada sujeito fia suas correlações como os fios de uma aranha, relativamente a determinadas propriedades das coisas, e tece-as numa sólida teia que suporta sua existência (Jakob Vox Uexküll, 1982, p. 42)*

A premissa inicial da criação dessas quatro peças de teatro (te(a)tralogia), da qual o Laboratório é a último processo de criação é a *Escrita na Cena*, metodologia proposta por Isabel Teixeira desde nosso primeiro processo de criação juntos em 2016.

*A Escrita na Cena* propõe a criação de textos no ar da sala de ensaio. A partir de um treinamento de fluxo narrativo com o ator, em improviso, a palavra dita é transcrita, transcriada, e serve como bússola para a escrita dramaturgica propriamente dita. Trata-se de um trabalho de criação colaborativa que integra todas as pessoas envolvidas com os dispositivos da cena, elaborando roteiros e textos próprios que se formam a partir dos encontros e de práticas diárias na sala de ensaio. Todo o material é registrado em vídeo e transcrito em forma de texto. O texto teatral não parte da mão. Parte da fala. A transcrição é a encarnação da fala no papel. O passo seguinte nesse processo é novamente partir do texto elaborado para continuar a escrita na construção da peça. (TEIXEIRA, 2016).<sup>4</sup>

Nos Laboratórios, assim como na *Escrita na Cena*, me coloco como um ator que escreve no ar da cena, no ar da sala de ensaio, através de improvisos, com um tema, um assunto, objetos, o espaço, provocado e atizado, escrevo em forma de improviso. Improvisos registrados por uma câmera, o material audiovisual é transcrito e vira um caderno de texto, caderno para uma futura composição dramaturgica. No Laboratório para *O Coveiro*, esse procedimento se expande no convite para que os participantes provoquem, interfiram e estimulem o improviso em mim, ator/coveiro, para que juntos possamos gerir *O Coveiro* em Laboratório.

Um dia de explicação e discussão sobre o tema/figura/personagem “coveiro”, o dispositivo do laboratório, como irão participar e provocar e o que o Laboratório gera, um vídeo e um caderno de dramaturgia com os improvisos transcritos. Um segundo dia de prática, onde todos são convidados a trazerem textos, fragmentos, falas, ideias, objetos coisas para estimular meu improviso como ator/coveiro em Laboratório, esse espaço de experiência e experimentação coletiva.

---

<sup>4</sup> Fala de Isabel Teixeira em sala de ensaio, em 2016.

*Acontece, um fazer assim, fazer assado, contar uma história, ler um texto, estar em uma situação, um gesto, uma ação, lidar com um objeto, ser engraçado, sofrer por uma coisa, abrir uma porta, cavar um buraco, remar, dançar, cantar uma canção (– não sei cantar), repetir, recuperar os primeiros improvisos, repassar tudo, ir, voltar, sozinho, frente a uma câmera, com as pessoas, com a câmera, sem ninguém, com todos no mesmo espaço, que espaço é este? O vazio, o nada, a expectativa, a auto expectativa, o que vem e o que vai, me colocar a disposição, estar neutro, estar pronto, zerar, recomeçar, seguir em frente, unir um improviso ao outro, o que não se junta. Estamos juntos? Olhos atentos esperando a próxima pausa, esperando a hora de entrar, de furar o tempo e o espaço, a cena, a hora de fazer uma nova provocação no meu ouvido. O que será que outro sugeriu, pediu para ele fazer? Será que o que ele está fazendo é o que o outro pediu/provocou? Uma câmera e um gravador de som, com o rec ligado enchendo um cartão de memória. Termino um improviso, pauso, espero, silêncio. Quem vem lá, alguém demora a vir, será que não perceberam que parei? A quanto tempo estou aqui, o que já fiz? Como juntar uma coisa na outra, qual sentido, sou eu, sou o Coveiro? Uma nova ação é sussurrada em meu ouvido. Como lidar com o espaço, que espaço é esse? Uma sala, um teatro, uma cena, um mundo, ambiente onde todos os participantes estão imersos comigo e com a câmera, com eles a provocar e acompanhar o que se resulta de um estímulo e outro, o que consigo fazer e criar a partir de uma ideia trazida, compomos juntos, eu e os participantes, a cena improviso. Respiro, pauso, silencio, neutralizo. Não zera, uma coisa se soma a outra, se mistura e se recombina. O olhar deles, a lente da câmera, o espaço o enquadramento, o dentro e fora de quadro. Esse entre, entre ator e personagem/figura, entre pessoas e câmera, entre o espaço e a cena. Entre improvisar, esgotar, parar e esperar, entre uma provocação e outra. Entre o que provoca e o que é provocado. Entre o estímulo, o estimulado e o que consigo fazer com. Entre o início e o fim que nunca acaba. Entre um laboratório e outro, entre um registro de vídeo e uma transcrição para um caderno. Entre uma peça que será reescrita a partir desses cadernos, mas que talvez nunca exista a partir*

*desses cadernos. Entre a escrita desse pesquisa-criação, os laboratórios e a criação de uma peça. O que existe, sou eu aqui, escrevendo e rememorando seis laboratórios realizados, muitas horas de trocas e discussões, preparações, compartilhamentos com as pessoas em laboratório. 10 horas de vídeo, 6 edições finalizadas, 2 cadernos de dramaturgia e uma transcrição, duas a serem transcritas. Existe a minha experiência em meio as ações/laboratórios realizados, todos os que participaram, experimentaram e o que foi gerado em mim, neles, in vitro, em laboratório. O que resta, o que fica é esse entre as coisas, esse estar aqui agora rememorando e escrevendo sobre a experiência vivida, o que gera e é gerado por ela. Vamos lá, tentar e continuar tentando gerar coisas sobre, abro aqui uma cova para cada laboratório realizado...*

Começamos os dois primeiros Laboratórios em três criadores, eu, Isabel e Fernando, os idealizadores da te(a)tralogia. Nós três realizamos, em 2017 e 2019, os dois primeiros Laboratórios, com o desejo de, através deles, criarmos a quarta e última peça de nossa tetralogia. Nesses dois primeiros Laboratórios, a Isabel editou e transcreveu os primeiros cadernos gerados. Agora seguimos, eu e Fernando, realizando os Laboratórios de 2022, sem a presença da Isabel, mas através dos conceitos e ideias que construímos juntos para esse nosso Coveiro. Em 2022, estreamos a terceira peça *O Universo Está Vivo Como Um Animal*. E agora temos o projeto aprovado na Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Curitiba, para realização da quarta e última peça *O Coveiro*, que virá a cena em 2023. No projeto para essa última montagem vamos passar por quatro regiões, bairros da cidade de Curitiba e realizaremos mais quatro Laboratórios como parte da criação da peça. Fernando fará a direção e eu estarei no centro da cena como o Coveiro. E a Isabel, ainda não sabemos como irá participar do processo. Até agora, maio de 2023, o combinado é que ela nos entregue, em outubro, um texto escrito em gabinete para uma peça sonora (um podcast) ficcional sobre *O Coveiro*. Fernando e eu ainda não sabemos se este texto de encomenda entrará na montagem ou ficará só na peça sonora.

Comecei este mestrado em 2021 para estudar, me estudar em meio a estes processos de criação, especificamente no *Laboratório de dramaturgia in vitro para O Coveiro*, para refletir o que acontece comigo, criador, pessoa, ator, escritor em meio

aos Laboratórios realizados. Entender, o que acontece e é gerado através deles. Como pensar a prática em Laboratório, como esmiúça-la e estimular outros processos de criação através dessas lógicas e procedimentos, línguas e vestígios de um processo em processo. Prática de criação coletiva através de improvisos in loco. Agora me dedico nessa escrita, em compartilhar aqui, as experiências geradas nesses Laboratórios, em compartilhar contigo que lê os pensamentos e reflexões gerados através deles para assim dar a ver os conhecimentos obtidos através da minha experiência como ator no acontecimento dos Laboratórios.

Escavo agora, a ideia de *artimanha* proposta por Erin Manning (2018), que lança para um campo processual a experiência artística “relacionado à participação (para além do artista como indivíduo, e mesmo como humano) e a uma inteligência técnica improvisada” (MANNING, 2018, p. 259). Onde todos os tipos de artifícios podem ser inventados na interação de sua processualidade. A interação no processo dos Laboratórios se dá, porque todas as técnicas são abertas aos participantes. Toda a estrutura e os procedimentos de criação são compartilhados convocando-os a se aproximarem, a trazerem suas questões e vontades para o jogo e a participarem atizando os improvisos e vendo imediadamente o que é gerado. A *artimanha* no Laboratório é esse procedimento aberto onde o participante está consciente de todas as possibilidades de articulação e de como se aproximar da criação, expondo todas as técnicas que geram a obra, convidando as pessoas a se embricarem na participação, a construir juntos a cena. Desvelando os procedimentos que acontecem no Laboratório, procuro abrir as camadas da experiência, descrevendo as ações e interações com os participantes, revelando as técnicas, a experiência processual prática na realização e conhecimentos que emergem desta. Na sequência, narro o que é o Laboratório, onde surgiu a ideia e porque *O Coveiro*.

Figura 4 - Frame de vídeo do Laboratório realizado em 2017



Fonte: acervo do autor.

Figura 5 - Frame de vídeo do Laboratório realizado em 2019



Fonte: acervo do autor.

Este é *O Coveiro* em 2017 e em 2019. Aqui vos fala *O Coveiro* em 2023, *O Coveiro de Curitiba*, eu Diego, *O Coveiro de Curitiba*. Estou no sexto Laboratório de Dramaturgia In Vitro Para *O Coveiro*, esse é um processo de criação em contínuo

fazer-se. O primeiro Laboratório foi realizado em 2017, o segundo em 2019 e, no ano, 2022, realizei quatro Laboratórios entre os meses de abril e setembro. Não sei ao certo quem de nós foi a primeira pessoa que falou nesta figura “O Coveiro”, ele não surgiu de mim, mas de nós, através de nós, desse grupo de artistas com quem trabalho continuamente desde 2016.

*O Coveiro* surgiu em 2017. Neste ano, pulsando no desejo de continuidade de nosso trabalho, logo após a estreia de nossa primeira peça *Lovlovlov - peça única dividida em cinco choques* (2016), criada por Fernando de Proença, Isabel Teixeira, eu e mais 9 artistas de Curitiba. Durante o processo de criação de *Lovlovlov*, em imersões criativas com a Isabel, utilizamos uma metodologia desenvolvida por ela desde 2009 para criação: a *Escrita na Cena*, que consiste, de forma simplificada, em abrir uma câmera, registrar os improvisos do ator em criação e depois transcrever o material registrado de forma a gerar cadernos textuais a partir dessas transcrições para uma futura rearticulação e composição de dramaturgia através dos materiais transcritos, textos gerados a partir da fala do ator, de sua escrita no ar da cena em estado de improviso.

Fernando, ao conversar sobre a continuidade do nosso trabalho e na criação de um novo projeto, nos fala da sua curiosidade e vontade de fazer as visitas guiadas no Cemitério Municipal de Curitiba, a Isabel lembra dos coveiros na obra de Shakespeare, discutimos sobre esse profissional à margem da sociedade, o quanto pouco falamos sobre essas pessoas, a manipulação do corpo morto, o último contato com a vida, entre outras referências e ideias em debate, a figura do Coveiro chega até nós e somos captados por ela. Pensamos em um solo meu como *O Coveiro*. Ao mesmo tempo, estávamos prestes a realizar uma nova temporada de *Lovlovlov* no Festival de Teatro de Curitiba<sup>5</sup> e decidimos oferecer uma série de oficinas com os profissionais da equipe e, dentre essas oficinas, um Laboratório de Dramaturgia In Vitro para *O Coveiro*.

Para a realização da oficina pensamos em expandir a metodologia da *Escrita na Cena*, utilizada em nosso primeiro processo juntos, para uma experiência prática em um laboratório de dramaturgia onde os participantes provocassem minha atuação em improvisos como *O Coveiro* e, juntos, fossemos compondo coletivamente, criando a dramaturgia durante a prática em Laboratório. Filmar e transcrever literalmente o

---

<sup>5</sup> O Festival de Teatro de Curitiba acontece anualmente e, em 2022, completou 30 anos.

que aconteceu na experiência de improviso já fazia parte da nossa metodologia de trabalho. Assim, expandimos a prática da *Escrita na Cena* que acontecia como processo fechado de criação em sala de ensaio, para um Laboratório prático, uma experiência coletiva de criação e composição de dramaturgia através de provocações e improvisos realizados em cena/Laboratório, por mim, ator, O Coveiro, convidando os participantes a escreverem conosco, a trazerem questões que efetivamente lhes interessem.

O convite é para que os participantes sejam dramaturgos no laboratório, que criem a cena e dramaturgia conosco, essa é a principal estratégia que direciona a construção do Laboratório para *O Coveiro*. E nele, eu me torno O Coveiro, não importa quem deu a ideia, de onde veio a ideia desta figura, capto e me deixo ser captado pela figura Coveiro e pelas provocações dos participantes, sem uma autoria concreta, eu me torno ele, ele sou eu, eu sou ele, O Coveiro, a medida em que me coloco em cena na experiência em Laboratório. E nesta experiência, me torno vetor entre vetores, entendo que direciono o que me é provocado por um participante, e que ao provocar ele também age como um vetor. Me torno um condutor dos improvisos integrando as provocações, gerando intenções e direções nas cenas, motivando os sentimentos dos participantes, gerando afetos que criam o ambiente do Laboratório que faz com que os vetores/participantes se movimentem trazendo outras provocações, eles sentem o que está acontecendo na cena e transformam o que está neles, transformando uma experiência em outra dentro do mesmo acontecimento em Laboratório. Nesse acontecimento, algo me acidenta, a mim e aos participantes, algo interrompe nossas projeções. Projetava provocar uma ação, ou projetava realizar um estímulo de tal forma, algo na prática nos interrompe ou apaga as nossas projeções do que poderia vir a ser. Apagamos a projeção e alimentarmos o acidente, esse alimentar é o acontecimento<sup>6</sup>.

Apresento, abaixo, algumas fotografias do Laboratório, que aqui podem ser lidas como continuação deste texto, onde se destaca a participação das pessoas,

---

<sup>6</sup> A respeito da noção de acidente, conferir Gilles Deleuze (2020) em seu livro *Lógica do Sentido*. Acidente não é algo fortuito ou incidental, mas sim um elemento intrínseco à própria natureza das coisas, podendo revelar novas perspectivas possibilitando a criação de novas conexões e formas de pensar. A noção de acontecimento em Deleuze está relacionada à forma como ele aborda a realidade e a filosofia, ajudando a compreender a dinâmica da realidade de maneira não linear, ligado à ideia de diferença e transformação contínua. O acontecimento sinaliza para o sentido, assim como a proposição para a linguagem, ocorrendo de forma singular não podendo ser reduzido a uma identidade fixa.

como interagem na construção dos improvisos e cenas, com uma atenção constante na ação.

Figura 6 - Laboratório de abril de 2022, no centro da cena entre câmera e gravador de som



Fonte: acervo do autor. Fotografia de Elenize Dezeniski.

Figura 7 - Laboratório de abril de 2022, provocação da participante André, ao pé do meu ouvido



Fonte: acervo do autor. Fotografia de Elenize Dezeniski.

Figura 8 - Laboratório de abril de 2022, provocação e olhares participativos



Fonte: acervo do autor. Fotografia de Elenize Dezgeniski.

Figura 9 - Laboratório de abril de 2022, um bilhete por de baixo da porta, uma provocação



Fonte: fotografia de Elenize Dezgeniski. Acervo do autor.

Figura 10 - Laboratório de abril de 2022, uma porta aberta para a ação



Fonte: acervo do autor. Fotografia de Elenize Dezeniski.

Eu Diego, eu Coveiro, nos tornamos indissociáveis como a mente do corpo é, me coloco em prontidão, com o corpo aberto, como uma cova, aberta a receber o que é depositado e imediatamente acolhido e transformado por ela, para junto com os participantes criarmos em improviso. Somos uma encruzilhada, um ponto de passagem, um vetor, onde, atizado, instigado por provocações outras, ajo. Nessa encruzilhada, múltiplas direções podem ser tomadas. Interessa aqui, pensar-me como um ator que, no ato do Laboratório, age como um vetor entre os vetores partícipes, que articula vozes e provocações, em improviso contínuo para a geração de cena e dramaturgia. Um vetor que recebe e conduz, um portador de provocações, que orienta, busca sentido e transmite as ideias em forma de improviso, expandindo proposições individuais dos participantes para o coletivo, através do meu corpo que se presentifica o Coveiro no ato da performance, em tempo real. Me coloco em cena com uma prontidão para a ação, um ator aberto a jogar com os participantes e a compor a cena junto com eles, com o que falam em meu ouvido, com os olhares e expectativas dos que observam em um estado de presença e atenção constante. Neste ambiente que se forma, vetorizo a provocação dos participantes que são

simultaneamente vetorizadas por mim, vetorizadas no sentido de que, à medida que correspondo aos seus estímulos, eles também são estimulados a agirem e trazer outras contribuições para a cena. Acontece desta forma, uma dupla captura entre mim e os participantes a experimentar, ambos nos capturamos e deixamos ser capturados ao longo dos improvisos. No acontecimento dessa dupla captura, sentimos e somos afetados pelas ações uns dos outros, fazendo mover novos acontecimentos no ambiente, vetorizando o que me instigam em ação, compondo juntos, cenas em tempo real.

Tempo real, aqui entendido como uma capsula do tempo que habita vários tempos no agora. O pesquisador de dança João Fiadeiro (2008) e (2020), em sua metodologia de *Composição em Tempo Real*, entende que:

A composição pressupõe um olhar de fora, um suspender prévio, e o tempo real impede esse olhar de fora, esse saber prévio". Na tensão entre essas duas forças surge o gesto que ele chama de *Composição em Tempo Real*. No embate entre esses dois conceitos: "o acontecimento acaba por traduzir uma relação entre a força do que tenho para oferecer e a força daquilo que o tempo concreto real me obriga, me restringe. (FIADEIRO; VOMERO, 2020, online).

Ele propõe essa colisão de conceitos para que surja um gesto inabitual, desconhecido, para que não recorramos ao nosso repertório de saberes habituais. Instalando a dúvida e o espaço de questionamento do desconhecido, para que este se transforme numa força de trabalho. O tempo real no Laboratório, está nesse entre o que já aconteceu e o que está para acontecer, entre receber uma proposta e realizá-la, entre ouvir, processar e começar a agir, entre improvisar e continuar improvisando. Onde me coloco disponível para o incerto e desconhecido, onde o espaço vazio é uma potência que começa a se encher na transição entre o dentro e o fora, para que deste estado surja o gesto que faz presentificar o Coveiro. As pessoas me apresentam um constrangimento, uma questão que as comove e que me convoca a agir em resposta dentro das restrições que o tempo concreto da composição me obriga. O tempo real, presente, no Laboratório, seguindo os caminhos apontados por Fiadeiro, acontece através de uma suspensão no tempo externo, por meio de uma atenção contínua, um estado de disponibilidade, escuta e prontidão. O Laboratório convoca os participantes a estarem atentos e, assim, criamos uma suspensão no tempo habitual, gerando um vazio, um espaço de potência para agirmos juntos na composição de cenas através dos improvisos.

Espaço de potência ou de passagem entre dois momentos, um já acontecido e outro por acontecer. Nele, os elementos não se apresentam como dados acabados do mundo, oferecidos à percepção. Mas se encontram suspensos em universos díspares à espera de sentido. (GASPAR NETO, 2021, no prelo).

Neste espaço-tempo, o passado se projeta no presente podendo impulsionar um futuro, nos abrimos para o passado e para o futuro. Fiadeiro (2016) aponta o fato de que vivemos em uma ficção onde o tempo seguiria uma linha cronológica do passado para o futuro. Nessa ficção seguimos um padrão habitual de relacionamento com o próprio tempo, pelo qual cremos que a nossa vida está determinada segundo um roteiro que será confirmado com o tempo. O real envolvido na *Composição em Tempo Real* é:

O momento no qual o funcionamento deste sistema é interrompido. Por outro lado, no espaço de experimentação da *Composição em Tempo Real*, perder o fio da meada, está articulado com o próprio movimento da dança pensado por Manning (2013) que é o de mergulhar no disparatado feixe de forças pré-individual e aterrissar com uma nova estrutura, mesmo em equilíbrio instável, que guarda o movimento produtivo da vida que ensejará novos saltos. (GASPAR NETO, 2016, p. 115).

Em Laboratório, suspendemos o tempo habitual da vida e entramos no tempo da composição, mergulhamos nas possibilidades de criação ensejadas através da participação de todos os presentes. Nesta composição, não sou apenas o Diego, nem o ator, nem o personagem, me coloco alerta e disponível ao incerto, assim me torno uma presença Coveiro, presença que chamo de vetor. Retirando da frente meus hábitos e buscando um corpo aberto ao inesperado. Uma presença disponível para reagir em resposta com reações inabituais, com outros gestos e ações desconhecidas para mim, que acabam gerando criações insuspeitadas. Essa geração de sentimentos e afetos na cena, provocam o outro a agir em resposta. Eu Coveiro me torno um buraco, uma cova aberta, um corpo que se transmuta no tempo presente, imediato da cena.

Elaboro a seguir uma descrição detalhada do quarto Laboratório realizado, no anseio do leitor adentrar na experiência, para que possa se aproximar do acontecimento da prática, descrevo cada procedimento dos dois dias de realização.

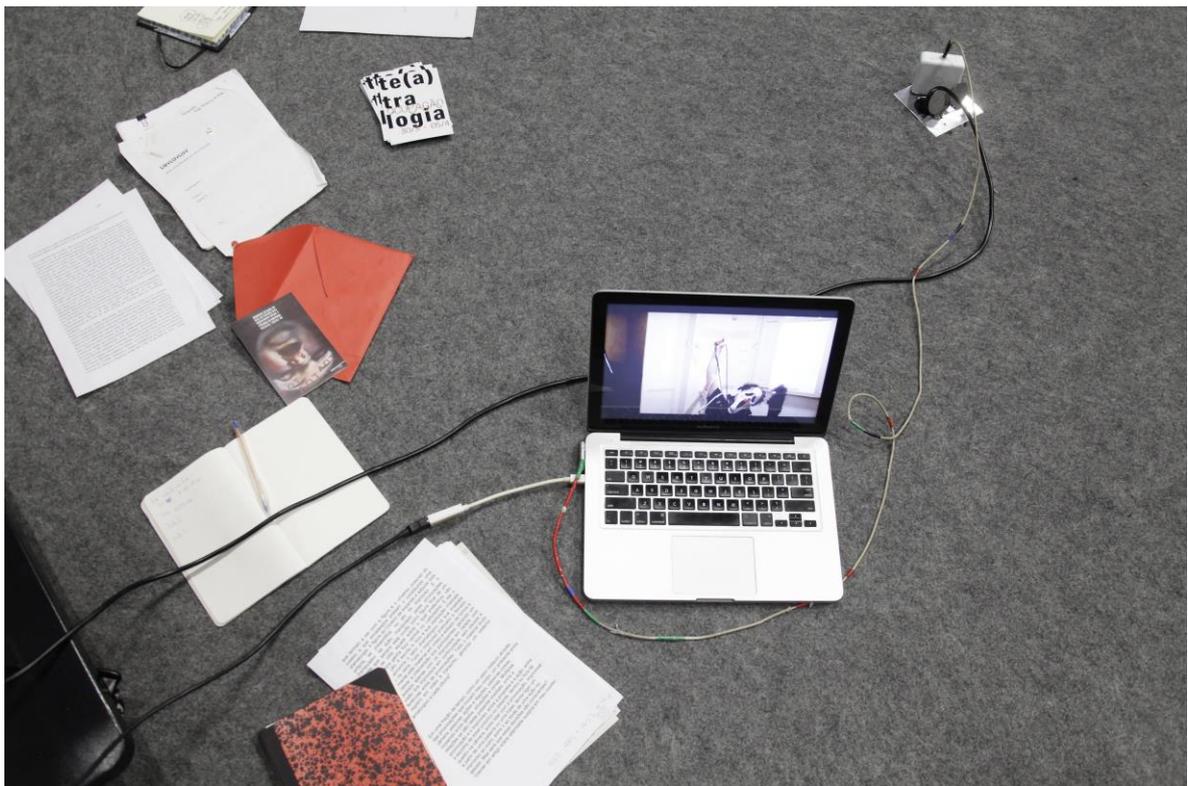
## 2.2 EM LABORATÓRIO, DIA 1 – PROCEDIMENTOS

*Curitiba, 26 de abril de 2022.*

*Local: Estúdio da Casa Quatro Ventos – movimento e arte, espaço cultural independente de Curitiba, espaço multiárea fundado em 2017.*

Para a realização deste quarto Laboratório, tivemos a participação de integrantes do Grupo Theatre Rave, grupo de teatro amador do Instituto Federal do Paraná do município de Pinhais – PR, um grupo eclético de jovens muito participativos e interessados no experimento, de faixa etária entre 15 e 20 anos. No primeiro dia, apresentamos materiais dos Laboratórios anteriores, vídeos, fotos, fragmentos de textos, os cadernos de dramaturgia dos Laboratórios e referências. Compartilhamos nossos arquivos como na foto a baixo.

Figura 11 - Laboratório de abril 2022, materiais, cadernos de criação, textos, vídeos e áudios



Fonte: acervo do autor. Fotografia de Elenize Dezgeniski.

Começamos o primeiro dia assim:

– Sejam muito bem-vindos. Eu sou Diego Marchioro, este é o Fernando de Proença e, junto com a Isabel Teixeira, e mais 9 artistas da cidade, estamos

desenvolvendo, desde 2016, um projeto de criação de quatro peças de teatro que, de forma autônoma, desenvolvem uma tetralogia que chamamos de te(a)tralogia. Quatro peças de teatro que se debruçam sobre figuras universais para discutir assuntos atuais, como os diversos tipos e camadas de manipulação que estamos envolvidos em nosso dia a dia, se estamos cientes da teia de relações que nos envolvem e nos constroem.

Neste momento, no início do Laboratório, faço uma apresentação detalhada de minha trajetória. Exatamente do mesmo jeito como me apresentei ao leitor na introdução desta dissertação.

– Então, agora, eu vou pedir para o Fernando se apresentar e, em seguida, peço para que cada um de vocês se apresente e fale um pouco de suas histórias, de onde vêm, seus interesses e experiências com o teatro e as artes, como vêm a dramaturgia, se têm algum interesse com a escrita ou outra área do teatro ou das artes.

**[Neste link, o leitor pode acompanhar como foram as apresentações e debates do primeiro dia com este grupo: <<https://youtu.be/GSwXnl7Zy1k>>].**

Figura 12 - Laboratório de abril 2022, postagem de Instagram do Grupo Rave de Teatro Amador de Pinhais PR



Fonte: acervo do autor. Autor não identificado.

– Bom, agora que a gente se escutou e pôde conhecer um pouquinho de cada um aqui, eu vou contar para vocês como vai funcionar esses dois dias de oficina, a metodologia que pensamos para o Laboratório, de onde ele vem, esse conjunto de peças que estamos construindo e, em seguida, compartilhar algumas referências e abirmos para uma conversa, um debate sobre essa figura: o Coveiro.

O Laboratório de Dramaturgia In Vitro para *O Coveiro* é uma parte do processo de construção de quatro peças de teatro, uma tetralogia, intitulada *te(a)tralogia*, que estamos construindo, eu, Fernando e Isabel Teixeira, junto com mais 9 criadores, desde 2016. A primeira peça, que estreou em 2016, foi *Lovlovlov – peça única dividida em cinco choques*, criada a partir da vida e da obra de Carmem Miranda. A segunda, em 2019, *People vs. People*, apresenta o discurso como personagem principal, uma dramaturgia que traz vários discursos importantes da história mundial para o centro da cena, trabalhando especificamente sobre os processos de censura aos artistas nos últimos anos no Brasil, uma peça que mostra como discursos descontextualizados e manipulados podem incriminar, condenar e até matar. A terceira peça desta *te(a)tralogia* é *People vs. Tesla*, onde, imbricando arte e ciência, tratamos sobre a vida e a obra do cientista Nikola Tesla, em fase de criação, com estreia prevista para o segundo semestre de 2022. E a quarta peça que encerra o projeto é *O Coveiro*, um processo em processo, do qual este Laboratório é disparador da criação.

Desde 2016, em *Lovlovlov*, a primeira peça com este grupo de artistas, utilizo no processo de criação, a metodologia desenvolvida pela Isabel, chamada *Escrita na Cena*. Onde o ator escreve no ar da sala de ensaio, através de improvisos registrados por uma câmera de vídeo e, posteriormente, transcritos em um caderno de dramaturgia. Um procedimento para desencadear a escrita do ator. Instigado pelo diretor e criadores, o ator improvisa livremente em sala de ensaio, os registros são filmados dia a dia e improvisado a improvisado e o material é transcrito. Essas transcrições vão formando um caderno de improvisos transcritos que juntos podem compor a fonte e o material para criação de uma dramaturgia. Nós utilizamos este, entre outros procedimentos, em 2016, para a criação da dramaturgia de *Lovlovlov*. Então, a cada processo nosso, desde o início da ideia ou do assunto que nos interessa, nós temos composto um caderno de dramaturgia para a criação da peça. Reunimos referências, fragmentos de textos, ideias de cena, músicas, materiais, compondo um caderno inicial para despoletar a criação da peça. E à medida que o processo avança, utilizamos a *Escrita na Cena* para gerar novos textos. Em 2016, após essa primeira

criação, interessados em continuar e pensar as nossas lógicas e línguas de criação junto com esse grupo de artistas, projetamos este Laboratório, expandindo a metodologia da *Escrita na Cena* para uma experiência compartilhada entre os participantes.

Então, o que é o Laboratório de Dramaturgia para *O Coveiro*? Uma experiência compartilhada entre todos aqui, convidamos vocês a participarem e a serem autores, dramaturgos deste Laboratório, a escreverem conosco. Nossa utopia é que através dos Laboratórios que estão sendo praticados ao longo desses anos, no futuro, a gente reúna todos estes cadernos para fazer um processo de transcrição para a dramaturgia de uma futura peça solo *O Coveiro*, onde todos os participantes, de todos os Laboratórios, todos vocês aqui, que assinam cada caderno, de cada Laboratório, assinem a dramaturgia da peça conosco.

Todos os participantes, mesmo aquele que só assistiu, e por timidez, ou outra questão, não provocou um improviso, ficou quieto em um canto, mas olhou... seu olhar também participa e interfere, assine o caderno deste Laboratório e, posteriormente, juntamente com os nomes dos outros participantes, assinem a dramaturgia da peça. A utopia é ter um programa da futura peça *O Coveiro* com os nomes, como autores, de todos que participaram dos Laboratórios. Então, este é um processo em processo para a construção de uma futura dramaturgia da peça *O Coveiro*, que será criada a partir dos vídeos e cadernos de dramaturgia de todos os Laboratórios. Um dia, daqui há algum tempo, depois de outros futuros Laboratórios, nós vamos reunir estes cadernos e vídeos e partir para transcrição desses materiais, em um exercício de corte e costura dos textos, de bricolagem, de “copia e cola”, nós vamos nos debruçar sobre esses cadernos de dramaturgia e justapor os cadernos, textos, cenas e assim criar a dramaturgia da peça. Mas, esse Laboratório aqui, já é a coisa, ele já é e já vai gerar uma obra, um vídeo e um caderno. Ele, em si, cria uma experiência e um resultado criado coletivamente por nós, agora.

Então, hoje, esse primeiro dia, é para nós nos conhecermos, nos apresentarmos, contarmos de onde cada um vem e como vai funcionar essa metodologia, essa estrutura, discutirmos sobre essa figura do *Coveiro*, levantarmos pensamentos e referências para instigarmos vocês a trazerem no próximo encontro provocações, textos, fragmentos de textos, pílulas, gestos, cenas, perguntas, questões, objetos, materiais, músicas para instigarem, induzirem o improviso. Para juntos, no próximo dia, compormos um improviso contínuo, onde cada um pode trazer

assuntos, questões que lhes interessem para composição de cena/improviso. Essas provocações são livres, mas a gente pede que todos nos concentremos nessa figura, que tenham a ver com a figura, a função Coveiro. Mas que a gente também pense na pessoa por trás da função. Para que assim a gente possa compor através das provocações e improvisos uma dramaturgia, uma continuidade das ações que possa fazer algum sentido.

Como as coisas vão acontecer? No nosso próximo encontro nós vamos voltar para esta sala e escolher juntos nesse espaço um lugar para o improviso acontecer, essa será nossa primeira escolha juntos. Escolher um canto na sala, uma parede, uma porta, uma janela, uma quina, onde o improviso vai acontecer. Um lugar que também possa ajudar, contribuir para o improviso, para a cena, que também possa dizer algo, para compor junto. Em seguida, vamos pensar e escolher o enquadramento da câmera, o ângulo, a posição onde a câmera que vai registrar tudo vai ficar e essa escolha também vai nos dizer alguma coisa, também vai contribuir com o que estamos escrevendo. Ela pode estar baixa, quase no chão, como o olhar de uma criança, ou aumentando o meu tamanho, de baixo para cima, minha imagem pode ficar grande e isso nos conta algo, ou a câmera de cima para baixo, um olhar mais divino, diminuindo o que está sendo filmado e assim isso nos diz outra coisa, uma outra posição, um outro olhar, outras questões para lidar. Então, tanto quanto o espaço, esta escolha de ângulo da câmera vai contribuir para dizermos outras coisas, outras composições possíveis. Assim como eu vou escolher junto com vocês o lugar e o ângulo enquadrados, vou saber os limites do dentro e fora de quadro, a profundidade do enquadramento e vou poder lidar com essas possibilidades durante os improvisos, vou poder também manipular essas possibilidades e também usar isso como matéria para o improviso, para nos ajudar a contar algo através dessas escolhas e posições.

Após essas decisões, nós começamos um improviso contínuo de uma hora, uma hora e meia, aproximadamente. Vou me colocar no centro da cena e cada um pode fazer uma ou mais provocações ao pé do meu ouvido. À medida que vocês percebem que terminei um improviso, outra pessoa pode se aproximar e fazer uma nova provocação e assim continuamente até o final desse improviso. Ninguém na sala saberá exatamente o que me foi instigado a fazer e sim o que estou improvisando e gerando através da provocação. Um dos detalhes importantes aqui é mantermos os olhos e ouvidos bem abertos e atentos, para mantermos um fluxo, para a medida que

percebam que terminei um improviso, alguém entrar na cena e trazer outra provocação, ou até mesmo para que possamos nos alimentar de uma provocação/improviso anterior e retomarmos ao que aconteceu ou darmos continuidade para o que foi feito, ou dar outro sentido, jogar para outro lugar o que foi improvisado e assim seguirmos compondo com o que acontece em tempo real, no tempo real da continuidade desse tiro de improviso.

Aqui se cria um ambiente nessa criação, um tempo que compreende vários tempos dentro do tempo, como no teatro, em uma peça, onde podemos caminhar para frente e para trás, simultaneamente. Este ambiente do exercício do Laboratório compreende passado, presente e futuro em um mesmo instante de tempo. Temos de estar concentrados, ligados uns nos outros, para percebermos as possibilidades de um improviso para o outro, o que cada coisa/improviso gera e nos diz, como nos toca e como podemos lidar e compor com o que é gerado em mim, em vocês, na cena. Esse espaço, cena entre a câmera e seu enquadramento, entre mim, a câmera e vocês, entre uma provocação e outra, e o que ela gera, constitui um verdadeiro ambiente do Coveiro, onde cada gesto, cada pausa, respiração, ação ou fala, diz coisas, é matéria viva dessa composição, começamos a escrever esse caderno que será a transcrição do que está sendo registrado pela lente da câmera.

Depois dessa prática, desse jogo entre mim, vocês, o espaço e a câmera, vou editar esse registro, de forma a apenas cortar do vídeo as entradas e saídas das pessoas trazendo as provocações, deixando um improviso seguido ao outro em continuidade, apenas as ações/cenas geradas, um vídeo contínuo dos improvisos, um após o outro. Todo esse material filmado será transcrito, gerando um caderno de dramaturgia deste Laboratório, onde as ações e cenas se tornam rubricas e o que é falado vira texto no papel.

### 2.3 EM LABORATÓRIO, DIA 1 - DIÁLOGO

– Vamos conversar sobre o Coveiro, essa figura, que é o último contato de um corpo morto com a vida, no limiar, uma profissão à margem da sociedade. A última mão a trabalhar para uma pessoa, o último contato do corpo morto com a vida. Vamos falar um pouco sobre essa figura, essa profissão? Para alimentar as ideias e inspirar o que vocês possam trazer de provocação no nosso próximo encontro. Vamos conversar sobre essa profissão e a pessoa que a exerce. O Coveiro personifica o

último estágio de contato do corpo morto com a sociedade, o último braço a trabalhar para um homem. Essa figura, o Coveiro, pode funcionar como uma metáfora para falar sobre questões de vida, sua impermanência e efemeridade. Sobre questões da atualidade, sobre guardar, depositar e encerrar para recomeçar. Um elogio a tudo que continua. Essa profissão que ficou tão evidente durante a pandemia que nos faz refletir sobre como lidamos com os nossos mortos. Essas mortes que estiveram à nossa volta durante esses dois anos. Penso que, normalmente, o que se torna tabu, como essa profissão, como a morte, é justamente pelo nosso medo do desconhecido. Então, como nos aproximarmos desse ofício e dessas questões que ela traz. Como pensarmos a morte como uma continuidade e não apenas como um fim?

Vou ler um fragmento de um dos primeiros cadernos de referência para a dramaturgia de *O Coveiro*, composto em 2016, onde adaptamos um fragmento do texto de Shakespeare:

*Uma brincadeira shakesperiana. Hamlet. Ato IV, cena 1. Uma adaptação livre:*

O COVEIRO - A verdade é que não existe nobreza mais antiga do que a dos jardineiros, dos abridores de fossas e dos coveiros; todos exercem a profissão de Adão. É. Adão. Adão era nobre. Foi quem primeiro usou armas. A Escritura diz que Adão cavou. Como ele poderia cavar, se não tivesse armas? Uma pá é uma arma! E ela agora é minha.

Daqui eu posso ver tudo. A terra é clara como o vento. É bem possível que aquela cabeça ali seja de algum político que enganava todo mundo. Ou de um presidente qualquer, assassinado com uma bala na cabeça. Ou de alguém que sabia dizer: "Bom dia! Como vai passando?" E agora, depois do lorde Verme ter comido todas as carnes... Ha, ha, ha! Leva tanto tempo para esses ossos se formarem, e no fim de tudo, eles poderiam me servir de bola!

Mas nada mais importa. Essa cova é minha. Minha. Um buraco de lama indiferente. Minha construção sólida. É minha agora. Porque estou dentro dela. Aqueles crânios já estão fora da minha construção. Esse buraco não é mais deles. E eu, embora ainda não esteja deitado na minha construção, sou o dono. O construtor. Essa cova é minha. Não é para nenhum homem. Nem para nenhuma mulher. É para alguém que agora já morreu. É isso. Nestes três últimos anos o mundo está se tornando cada vez mais sutil.

Sou coveiro há vinte anos. Sei que se uma pessoa não começa a apodrecer ainda em vida (hoje em dia tem muita gente podre e viva), uma pessoa enterrada pode durar até nove anos. Depois disso só osso. Olha, esse crânio aqui ficou na terra vinte e três anos. Pode ter sido do louco mais extravagante que se tenha visto por aí. Ou do padeiro ali da esquina. Ou do mais genial escritor que não publicou nada em vida... Quem pode saber? Todos aqui passam a ter o mesmo aspecto. E todos tiveram a mesma pós vida, mais ou menos deste jeito: morreu; foi enterrado; se tornou pó.

Mas esta cova ainda vai ter movimento vivo. O meu. Eu sou o que move as terras por aqui. E depois, minha hora de sossego ainda vai chegar; com

paciência vou esperar até lá. Mas antes, preciso dizer a verdade. Ou as verdades. A terra é clara como o sol. E aqui, o ar é líquido.

Esse fragmento do Hamlet já nos traz algumas reflexões como a nobreza da profissão, a igualdade dos seres humanos na morte, onde todos nos tornamos apenas corpo, ossos, restos, pó. Na morte todos somos iguais. Fala da única certeza que temos em vida, de que todos morreremos. Do último latifúndio<sup>7</sup> que nos cabe nessa vida, apenas uma cova, onde enterrados, a natureza, os vermes, vão reciclar nossa matéria morta.

Nesse primeiro caderno também escrevemos, eu, Fernando e Isabel, um epílogo, um texto curto que vou ler e acredito que também pode alimentar nossos pensamentos sobre como essa figura pode pensar:

O COVEIRO - Eu penso: se eu me afogar voluntariamente, pratico um ato; um ato é composto de três partes: pensar, agir e realizar. Prestem atenção: aqui está a água; muito bem. Aqui está o homem; muito bem. Se o homem vai para a água e se afoga, é ele, quer queira quer não, que vai até lá. Toma nota. Mas se a água vem para ele e o afoga, não é ele que se afoga. Logo, quem não é culpado da sua própria morte, não encurta a vida.

Aqui um outro ponto de vista, a ambiguidade da perspectiva. Ou a morte vista por outro ângulo, para pensarmos como uma coisa vista por outro lado pode ser analisada de um jeito diferente, como os sentidos se alteram quando mudamos de lugar, quando nos permitimos analisar de outro modo as coisas. Ou, como no exemplo que o texto nos traz, como podemos manipular as perspectivas, como uma morte pode ser um suicídio ou um acidente natural, dependendo do ponto de vista ou da sua argumentação que fazemos sobre a situação. Como uma inversão no ponto de vista por onde apreendemos um fato pode inverter seu sentido, tornando-o um crime ou um acidente.

Mais recentemente em nossas pesquisas encontramos um podcast chamado *Finitude*, onde encontramos uma entrevista com um coveiro paulista que se chama Fininho – o sepultador de ilusões. Ele, além de ser coveiro, é jogador de xadrez, colunista do *Finitude*, fala alemão e se formou em filosofia, uma pessoa muito interessante que nos aproxima um pouco mais da vida real, do dia a dia de um coveiro, o *podcast* tem uma hora, mas nós separamos uns trechos para gente ouvir juntos:

---

<sup>7</sup> Referencia a *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto escrito entre 1945 e 1955.

Figura 13 - Laboratório de abril 2022, Fernando colocando o podcast para escuta coletiva



Fonte: acervo do autor. Fotografia de Elenize Dezeniski.

[Link para o leitor escutar o podcast *Finitude* completo: a entrevista com o coveiro e filósofo Fininho:

<<https://open.spotify.com/episode/4dVVUIPPydu2N9pn28vupR?si=AkXmqA82SHy1jc0R5KsZug&context=spotify%3Ashow%3A5TVizb5M4KJGmjrNVLcAQM&nd=1>>].

Transcrição do podcast do minuto 24'14 até 34'40, ouvida em Laboratório:

Fininho - entra, está limpinho, eu deixei limpinho pra receber vocês mesmo, isso aqui quando está sujo você não ia gostar do cheiro daqui não. Aqui tem o meu binóculo, é um buraco no muro pra gente ver o que tem do outro lado, nós mesmos que fizemos, é necessário fazer para nossa segurança. Gostou da ideia? (risos). Aqui em baixo são colocados os ossos humanos que não foram reclamados. Só não vou levantar aqui, por que a presença dos roedores, por que ai dentro tem cada roedor desse tamanho, então...é, se não gosta né? (risos) Eu não gosto, não gosto não, mas não tenho o menor medo.

Narração: O cemitério esse lugar cercado de restos humanos se decompondo, de roedores enormes circulando, de restos de animais mortos usados para rituais apodrecendo, esse exato lugar é um ambiente de trabalho. Mesmo que para muitos pareça um lugar macabro, triste, é realmente um escritório.

Entrevistador – O que acontece quando a gente morre hein?

Fininho – Pois é cara eu tô fazendo uma peça sobre isso. O que não acontece né. A gente desconhece né. A morte é um estojo vazio, cada um coloca aquilo que convém, isso que eu sinto. Ah, vai não sei aonde. Ó que lugar chique, ó... tá vendo que coisa chique, ó...

Entrevistadora – a gente tá entrando na cozinha?

Narração: exatamente ao lado da cozinha fica uma capela.

Entrevistadora – e tem velório aqui Fininho?

Fininho – Não, não tem velório não.

Narração: Mas vez ou outra os corpos ficam um tempinho por lá, antes de seguirem para as sepulturas.

Fininho – A gente enxerga isso né, todo nós né. A pessoa morre e a gente não quer deixar a pessoa morrer né. Não tá vivo, vive no meu... já morreu, entendeu. não vive em algum lugar

[...] Fininho: Eu tinha respondido, vou re-responder, que é o seguinte. A morte ela é um estojo vazio, cada um coloca o que quiser. Nesse conceito. É uma coisa vazia. É um modo de responder. Assim, nem me ligo ao Espinosa nada. A minha resposta é, cada um vai colocar o convém. Se você perguntar ao padre, o padre vai dizer de deus. Se você perguntar ao judeu, ele dará outra resposta, se você perguntar ao muçumano será outra resposta. Cada qual dirá o que convém, por que assim viveu, assim viveu. Todos são conhecimentos que foram adquiridos em vida, então a morte, ninguém sabe. Mas sabe o que convém ser dito. O homem passa muito tempo fugindo dos mitos, assim nasce a filosofia. Mas a beira da morte, ele prefere retornar aos mitos. Quando eu morrer? Assim... é, eu poderia dizer um bilhão de coisas, seriam convincentes. Eu prefiro dizer a verdade, não sei. Eu tenho indícios né, tudo indica isso, eu tenho premissas sobre a morte, a morte deveria ser por encerramento das coisas, mas eu posso sair também muito bem disso na visão do, de um pensador alemão, a quem eu devo muito respeito, muito mesmo, Immanuel Kant, então eu vou colocar a ideia deísta, de paraíso, de deus, como um postulado, a minha razão não alcança, a minha razão não alcança a morte e não alcança deus. Foi muito belo isso. É, a razão ela pode ser iludida, perigo, perigo, porque que seria usar o sensível para o entendimento, usar o sensível para facultar o entendimento, e me parece algo perigoso e as vezes traiçoeiro, por que a razão tem suas regras, lógicas e os sentidos não. Porque quando se fala da morte, se relaciona diretamente ao sensitivo, ao teu sentimento, apreende e vai trazer pra seu entendimento. A morte tem de ser entendida, como tudo, ela tem de ser, ser entendida, pode ser sentida. Mas a pergunta que vocês me fizeram é para ser entendida, e só pode ser entendida se passar pelo processo racional. Acontece que os sentidos são insuficientes para o entendimento, facultam, mas não são o entendimento.

Essa pergunta sobre a morte ela tá muito próxima de uma coisa sofismática né. Quem vai dizer o que é a morte? Cada um vai dar seu parecer, a morte é um estojo vazio. Não... fomos daqui pra melhor, vamos daqui pra melhor, não sei o que... Porra se não for melhor também, depois de morrer, vai sofrer de novo? Que coisa? Não, porque vai encontrar dragão do mar, vai né, cada um cria uma expectativa.

Entrevistadora – E você tem medo de morrer?

Fininho – Não, pode ser qualquer hora, não adianta, o que, quê eu vou fazer com esse medo. É evidente, todos tem medo de morrer, mas eu não tenho

aquele medo patológico, nada. A minha vida eu coloquei em risco durante anos, muito anos. Eu tava até conversando com, com a Jô, e a Jô falou uma coisa pra mim que eu fiquei refletindo, fiquei pensando não falei pra ninguém né, ela me falou você gosta de estar próximo da morte. É um desafio né, a morte diz respeito, silêncio e atenção. É isso que se deve fazer quando vai sepultar.

Entrevistadora – E o, ofício coveiro né, quem é esse cidadão que é coveiro pelo menos no Brasil, ou aqui em São Paulo?

Fininho - Ah, a imensa maioria é sujeito miserável né, sujeito miserável, sujeito miserável, sujeito... Agora não, agora tá tendo um movimento de reciclagem, mas a maioria é miserável. O coveiro vem das camadas mais pobres da sociedade.

Entrevistadora – Tem muito preconceito?

Fininho – Total. Você mesmo, você tem alguma amiga que namora com coveiro? Conhece alguma? Você já namorou algum? Tá respondido. Tá respondido. Lógico que tem. Em qualquer sociedade que exista, as relações sociais são feitas em complemento. E a atividade de sepultar seria complemento do que? De nada. Seria a parte final. Com um coveiro você não encontra complemento, só procura o final. Você vê no outro, aquilo que você procura, para complemento. Então, se você, se algo que te complementa, te deixa inteiro. As relações sociais no Brasil sempre se deram por solércia, só por solércia, então a pessoa tem amizade com fulano, porque o fulano tem influência em determinada parte do, de uma atividade, é isso, é assim. O coveiro não tem influência sobre nada, não tem nada, não representa nada, ele vai ser meu amigo pra que, o que eu quero fazer com um coveiro, não quero saber de nada. O cristo também passou na mão de um coveiro. E qualquer que seja o faraó passou pela mão de um coveiro. (O SEPULTADOR DE ILUSÕES, 2021, online).

Com o Fininho, adentramos na vida, no dia a dia e nas reflexões desse coveiro, desse profissional que trabalha muitas vezes em condições insalubres. Essa profissão pouco reconhecida e mal remunerada pelo Estado. Ele nos traz o olhar de um coveiro sobre sua profissão, como ele se vê e como sente que é visto pelos outros e pela sociedade, dizendo que a imensa maioria é “sujeito miserável”. A fala dele nos traz a efemeridade da vida e o vazio da morte. Faz pensar em como depositamos nossos sentimentos na morte, em como procuramos e colocamos sentido na morte, como diria Fininho “a morte ninguém sabe, cada um coloca nela o que convém”. Fico pensando na filosofia do que ele fala quando diz que cada um coloca nela o que aprendeu em vida, o seu próprio sentido de como viveu a vida, sua religião, crenças e também como ficamos, para superar o vazio, encontrando lugares para onde foi, onde está a pessoa agora para amenizar nossos sentimentos sobre o desconhecido, e como o Fininho fala: - o que não acontece. Com essas primeiras referências, acho que agora podemos abrir a conversa e discutir um pouco sobre como cada um vê essa figura, como ela toca cada um aqui e que reflexões ela traz.

Após a apresentação dessas referências iniciais da pesquisa para *O Coveiro*, abrimos uma conversa com todos os participantes com o desejo de trocar com eles como esta figura os toca. Aqui começa a primeira provocação, vetorizo a discussão focando nesta figura e instigando os participantes a refletir sobre este assunto para que possam problematizar questões sobre o ofício, a representação dessa profissão, como ela age na sociedade e como eles podem trazer ideias para que possamos trabalhar em cena no dia seguinte. Uma discussão que vetoriza, direciona para nos concentrarmos nesta figura, para que as provocações que eles tragam fiquem concentradas nesta discussão. Abaixo, relato algumas questões que os participantes deste quarto Laboratório, levantaram sobre o Coveiro, demonstrando como esta abertura processual de discussão vetoriza os participantes e os convoca a aproximar dos pensamentos e reflexões:

*Uma participante fala sobre como é interessante olhar para esse profissional como uma pessoa, com seus sentimentos e humanidades. Outra pessoa como essa profissão é um tabu em relação a outras. Falo como enxergo que as coisas que transformamos em tabu na sociedade são, na verdade, o nosso medo do desconhecido, que geralmente aquilo que se torna tabu é aquilo que não conhecemos, aquilo que preferimos não falar, que preferimos não nos aproximar. Outra pessoa completa falando como a partir de um momento um médico, por exemplo, precisa ser frio e tratar as pessoas como números mesmo e que isso pode ser normal, necessário. Entro na discussão e problematizo, falando na desumanização dessas profissões, como na verdade, os médicos precisam ser mais humanizados no atendimento, que precisam ter frieza para lidar com os diversos tipos de casos e situações que passam diariamente, para eles mesmos conseguirem ter sanidade e saúde psicológica, mas discuto também sobre a falta de sentimento e compreensão para lidarem com as pessoas, em como isso nos faz falta quando nós somos atendidos em um hospital e como essa falta de contato também impede de se aproximarem da pessoa e identificarem de verdade a raiz e causas da patologia. Uma menina imediatamente fala que gostaria de ser perita, um menino complementa falando que gostaria de ser legista. Alguém fala que o melhor amigo de seu avô era*

*coveiro e como ele era feliz e engraçado, “manguaçado”, diz ele, mas muito feliz. Alguém fala sobre como estamos frios, como não sofremos mais em meio a tantos mortos na pandemia, em como a morte ficou cotidiana. Outra pessoa complementa dizendo que não podemos sofrer a dor de cada um destes mais 600 mil mortos, que não temos capacidade de sofrer pessoa por pessoa, que isso é uma forma de defesa, se não morremos de tristeza. Discutimos esse embate, entre não se desligar da realidade a nossa volta, que é impossível sofrermos cada morto dessa pandemia, mas também, o quanto rapidamente transformamos uma catástrofe dessas em cotidianidade e rapidamente deixamos de aprender e refletir sobre ela.*

Finalizamos nosso primeiro dia com essa discussão, pensando em como podemos usar essa figura, em problematizar seu trabalho, seu dia a dia, mas também em como falar de vida, de questões cotidianas do mais íntimo da pessoa por trás do ofício. Em quanto cada um pode trazer provocações, textos, assuntos que lhes interessem para serem tratados de alguma forma na cena. Passamos para eles o podcast do Fininho, os vídeos e os cadernos dos Laboratórios anteriores para eles olharem e perceberem como a dramaturgia vai se construindo através dos improvisos, na relação dos vídeos com os cadernos, em como são transpostas as imagens em vídeo dos improvisos para a transcrição no caderno, para observarem como, já no ato de transcrição, há uma reelaboração dos gestos e acontecimentos nessa transposição em forma de rubricas e notas, em como elas vão compondo a dramaturgia de cada caderno.

## 2.4 EM LABORATÓRIO, DIA 2 – A PRÁTICA

Curitiba, 28 de abril de 2022.

Local: jardim da Casa Quatro Ventos – movimento e arte, espaço cultural independente de Curitiba.

Durante o período da tarde, das 14 às 17 horas, com a participação do Grupo Theatre Rave, grupo de teatro amador estudantil do Instituto Federal do Paraná da cidade de Piraquara, realizamos eu e: Marina, Lauro, Gustavo, Leo, Manu, Lorraine, Igor, Laura, Samara, Caio, Giovane, Sergio, Alan, Dani, Victor, Cristofer, Isabeli, Jeff,

Lidia e Fernando, a experiência prática do segundo dia do 4º Laboratório de Dramaturgia In Vitro para *O Coveiro*.

– Boa tarde, sejam bem vindos de volta. Hoje nós começamos nosso dia caminhando aqui pela Casa Quatro Ventos para escolher o espaço onde vamos realizar o improviso, vamos caminhar pelos cômodos e ver o que vocês acham de cada lugar. É importante pensarmos em um lugar que possa acrescentar nas cenas, pensar nas provocações que vocês trouxeram e como este lugar pode ajudar a contar algo. Vamos pensar também em um espaço onde a gente possa enquadrar a câmera e que caibam todos em volta para acompanharem os improvisos. Bom, temos aqui a sala, ali fora a frente da Casa, que também pode ser uma possibilidade, podemos também dar uma olhada lá fora, nos fundos lá também tem um jardim. Vamos lá?

Uma pessoa sugere um canto do jardim, que tem um corredor entre as floreiras que lembra uma cova. Todos gostam do lugar e começamos a pensar as possibilidades de enquadramento, testamos alguns ângulos laterais enquadrando o jardim e a parede da casa, mas acabamos optando por um ângulo frontal, pegando a floreira do jardim com a câmera mais alta no tripé, de cima, quase como uma câmera de segurança, pois permitia mais espaço de improviso, com mais possibilidades entre a câmera, a calçada, o jardim e a lateral da casa.

Figura 14 - Postagem do Instagram do Grupo Rave, Laboratório de maio 2022



Fonte: acervo do autor.

Figura 15 - Postagem do Instagram do Grupo Rave, Laboratório de abril 2022



Fonte: acervo do autor.

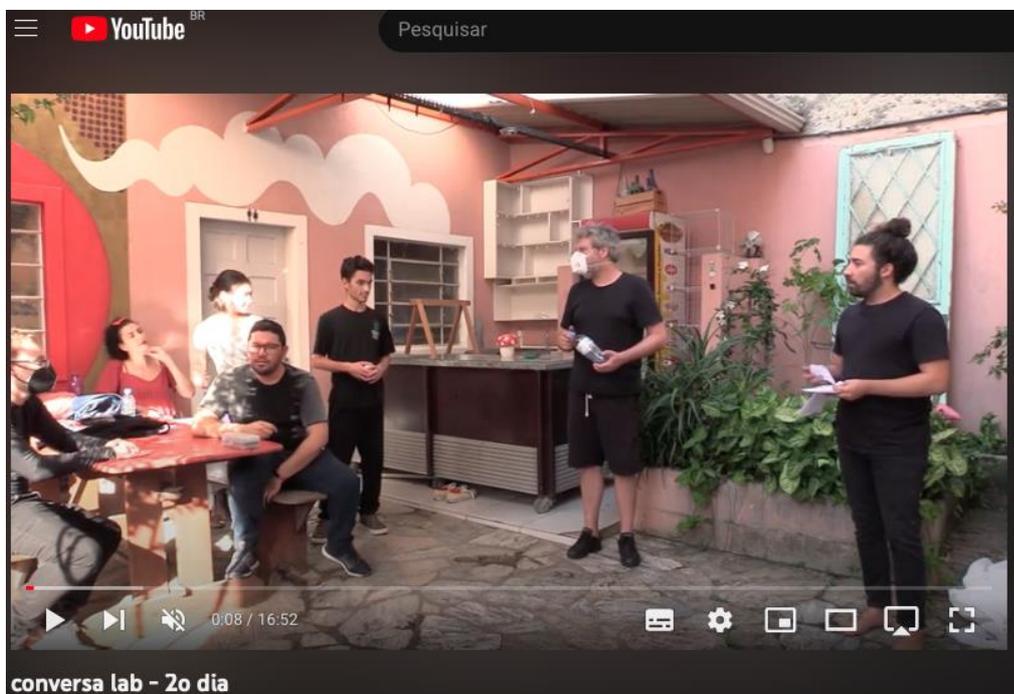
[O leitor pode acompanhar o experimento do vídeo editado dos improvisos do quarto Laboratório no link: <[https://youtu.be/AX0T1\\_PKQCc](https://youtu.be/AX0T1_PKQCc)>].

Figura 16 - Frame de vídeo do quarto Laboratório realizado em abril de 2022



Fonte: acervo do autor.

Figura 17 - Frame de vídeo da conversa após o quarto Laboratório realizado em abril de 2022



Fonte: acervo do autor.

[A discussão e reflexão após a experiência de improviso com os participantes pode ser acompanhada no link: <<https://youtu.be/i-lAh4HefEw>>].

## 2.5 IMPROVISANDO

Após a realização do experimento prático de 60 minutos contínuos de improviso, sendo provocado pelos participantes, fizemos uma conversa sobre as impressões de cada um sobre o Laboratório e voltei para casa pensando: o que acontece na ação? Sentei no sofá com um caderno e tentei rememorar tudo o que aconteceu à tarde. Abaixo, como nos sussurros dos participantes em meu ouvido, rememoro e trago um fluxo do que fui instigado a fazer na ação deste quarto laboratório, fui provocado a:

*Cantar (rock nacional).*

*Dançar (música Pata aqui, pata acolá).*

*Falar com os espíritos dos mortos.*

*Enterrar corpos (tecidos de TNT, brancos).*

*Gritar: - O coveiro é o lixeiro das carcaças humanas.*

*Ser engraçado, improvisando sobre o corpo defunto de uma modelo em um caixão, com uma pulseira, dela, que ficou para traz.*

*Um vidro de remédios, com o nome da defunta.*

*Um leque que era para ser enterrado com a velha senhora – O primeiro pedido dela em vida era para ser enterrada com ele, o primeiro pedido dela morta era para que ele ficasse com o coveiro.*

*- Lembro que na conversa do primeiro dia do Laboratório, um menino falou que o melhor amigo do avô dele era coveiro. A menina disse que queria ser perita, o outro que gostaria de ser legista. Meu tio, meu, do Diego, do Coveiro, fazia autópsias...*

*- Vamos voltar a ação, às provocações do segundo dia:*

*Um leque, dançar com o ursinho de pelúcia, para o urso.*

*O leque ficou com ele.*

*Consolar uma criança da morte dos pais.*

*Um vulto de criança. Conversar com o vulto, uma menina.*

*Dois corpos que não podem ser enterrados.*

*Hamlet.*

*Uma moldura de um quadro vazio, descreva a velha senhora do leque (descrevi a minha falecida avó)*

*- Paro, olho para todos, penso comigo mesmo “ninguém vai provocar mais? O que eu faço?” Fico parado.*

*Alguém me dá uma lista com o nome de cada um e, ao final, a palavra: Atenção. Durante a ação, entre um improviso e outro penso em rememorar, visitar os improvisos anteriores. Ler e reler. Como performar com. Não interpretar, agir. Presença versus falência. Volto a ação, enterrar. O jardim. Penso comigo mesmo: Quem fala com quem? Quem provoca a provocação? A ação, a resposta, eu, você? O que lê, o que faz, o que imagina? Quem reage a quem, o que? O que acontece? O que Acontece! A linha, a dramaturgia.*

*Alguém diz: Leia isso. E me dá um papel: - Vocês entenderam tudo errado.*

Este relato acima foi escrito 4 horas depois do Laboratório, no calor da experiência, rememorando e tentando listar tudo o que fui instigado a fazer, pensando no que aconteceu comigo, entre eles.

## 2.6 O MUNDO PRÓPRIO DO COVEIRO

Me coloco no centro da cena, frente a uma câmera e um gravador de som, sabendo do enquadramento, do dentro e fora de quadro, lidando com o espaço e suas condições, perante as pessoas em prontidão com meu corpomente porosos à abrir covas em mim e no espaço-tempo do Laboratório. Carrego comigo o termo corpomente, como uma única instância, seguindo os pensamentos de Cristine Greiner (2017) e Marila Velloso (2020), ambas pesquisadoras da área da dança, que consideram que toda experiência é corporalizada, não existindo separação entre corpo, mente e ambiente. Vivenciando os Laboratórios, ajo através dos registros informacionais dos sensores do meu corpomente que informam que estou ali vivo, presente em experiência, como Velloso (2020) sussura em meu ouvido quando diz: “partes que tocam as partes, o que toca as coisas e é tocado. O olfato, o paladar, a visão, a escuta, o tato do meu corpo inteiro que me comunicam que estou aqui, nada se destaca do ambiente” (VELLOSO, 2020, online).

Meu corpo em prontidão no Laboratório se coloca alerta para o acontecimento, onde fica evidente essa experiência corporalizada em meio ao ambiente que se cria

entre mim, o espaço, as provocações mais distintas das pessoas e coisas que ali estão, o ambiente é meu corpamente na relação com as coisas, pessoas, espaço e atmosferas presentes. Ativo um corpamente cheio de memórias em estado de recepção, improvisação e transmissão, respiração e poros abertos, escrevendo no ar da cena.

Isabel Teixeira (2008) escreve sobre a *Escrita na Cena*, para revista *Sala Preta*: “Não somos autoras de peças de teatro, não somos dramaturgas. Escrevemos no ar da sala de ensaio. Nossa próxima linha é o próximo instante, vírgula é, literalmete, respiração” (TEIXEIRA, 2008, p. 121). Escrevo os improvisos no ar da sala de ensaio espontaneamente e ao acaso, uma pausa vira um ponto ou uma reticência. Neste improviso contínuo registrado pela câmera, sob a provocação e o olhar dos participantes, tudo escreve, cada gesto, olhar, movimento, pausa, fala, gaguejo, respiração, suor, dentro e fora de quadro, escrevem e compõem a dramaturgia gerada em cada Laboratório. O espaço, o ambiente se torna cenário, gestos e intenções viram rubricas e cenas, falas em texto e assim vão escrevendo a dramaturgia. No presente imediato da ação, cada movimento se torna pensável para a elaboração concreta da dramaturgia na e da cena.

Neste momento presente no ato da performance, no improviso, uma experiência corporalizada se dá no e através do corpo que inscreve, escreve, no ar e no calor da ação concreta, vivida na exploração da cena. Com todos os meus sentidos perceptivos em estado de alerta, os sensores do meu corpo ativam as memórias e disparam a minha imaginação para criação junto com os participantes. Em uma fração de tempo, como um vetor, instauo, através das provocações que movem meu corpo, um ambiente entre câmera, pessoas, ações e reações, palavras-coisas, movendo entre gestos, situações e cenas. Múltiplas relações se dão neste presente imediato, entre a provocação e o improviso, entre a proposta e a ação, entre a escolha de estar próximo ou distante, dentro ou fora de quadro na câmera, entre lidar com a provocação, improvisar a partir de uma palavra ou uma frase, tentar ligar um improviso ao outro, entre ir ao limite de uma ação ou parar.

As relações entre olhar e ser observado, entre o que me foi sucitado e o que ou como estou realizando. Entre não saber o que foi falado em meu ouvido e ver o que eu realizo. Entre quererem interferir na cena mas não saberem se parei o improviso. Entre ter uma idéia a partir do que estou vendo e esperar para coloca-la no jogo. A suspensão no tempo surge como uma potência, uma força criativa que se

instaura para os que estão abertos a participar. Como um vetor, por meio das minhas ações, gero afetos através das cenas instigando os outros a comporem comigo.

Mas, será que estas decisões são conscientes? Greiner (2017) sopra em meu ouvido:

O fluxo de imagens migraria para dentro e para fora do corpo, o que faria das decisões algo que ocorre através de nós e não em nós [...] o individual e o transindividual andariam juntos, constituindo pontes inevitáveis entre redes de afetos e racionalidades. (GREINER, 2017, p. 15).

Essas decisões de improviso não são ações totalmente conscientes nem individuais, mas sim um fluxo transindividual<sup>8</sup> entre todos os que ali estão, as provocações surgem nos participantes através dessa rede de afetos que se forma ao entorno desse jogo de improvisos em cena. Nessa interação entre as alteridades dos partícipes intervindo, sigo no fluxo, sentindo, encontrando e expressando, entre um improviso e outro, ao mesmo tempo em que nos tornamos, os improvisos e eu, uma outra coisa, um emaranhado, vibrando e fazendo transparecer o mundo próprio do Coveiro, a medida em que me apego ao que me é desafiado à agir.

Chamo Jakob Von Uexküll um dos maiores zoólogos do século XX, fundador da ecologia moderna, através de suas investigações sobre o ambiente animal.

Uexküll estabelece uma infinita variedade de mundos perceptivos, todos igualmente imperfeitos e ligados entre si como numa gigantesca partitura musical e, todavia, incomunicantes e reciprocamente exclusivos, em cujo centro estão pequenos seres familiares e, ao mesmo tempo, distantes. [...] Uexküll mostra que um tal mundo unitário não existe, tal como também não existe um tempo e um espaço igual para todos os viventes. A abelha, a libélula ou a mosca que observamos a voar ao nosso lado num dia de sol, não se movem no mesmo mundo em que as observamos nem compartilham conosco – ou entre elas – o mesmo tempo e o mesmo espaço. (UEXKÜLL apud AGAMBEN, 2017, p. 45).

Para pensar esse ambiente, então, Jakob Von Uexküll (1982) escreve que: “Em sentido figurado, pode dizer-se que cada sujeito-animal apreende o seu objeto com as duas hastes de uma tenaz – uma haste de perceber outra de impulsionar. Com uma confere-lhe um atributo, com a outra, uma marca-de-ação.” (UEXKÜLL, 1982, p.

---

<sup>8</sup> Simondon usa o conceito de transindividual para descrever a coletividade no cerne de todas as individuações, antes e além de qualquer especiação em indivíduos. Ele mobiliza o transindividual para tornar aparente que qualquer mudança no evento é uma mudança na ecologia da qual ele é composto. O transindividual é o conceito que mais ressalta o fato de que todos os eventos são colaborativos, participativos. (MANNING, 2018, págs. 53 e 54).

35). A nossa percepção subjetiva do mundo é moldada por nossa estrutura biológica e pelas ações que realizamos em nosso ambiente, a cada ação uma nova marca de ação, que molda nossa percepção e interpretação do mundo. Conforme entramos em contato com o ambiente, mundo, percebemos as coisas e agimos em resposta. O indivíduo é o ambiente. Na medida em que realizamos, compreendemos e respondemos ao ambiente de outras formas. O organismo produz o meio com suas ações e suas ações modificam o meio.

Em um outro momento, Uexküll traz o exemplo de um homem tocando um sino. O soar do sino só é possível fazendo-o oscilar de uma certa maneira num sentido e noutro, do contrário o sino permanecerá mudo. O sino, inanimado, apenas recebe as ações. O corpo vivo transforma todas as ações exteriores em estímulo que provoca seu funcionamento. Em Laboratório, a cada provocação confiro uma propriedade que me impulsiona à uma forma de agir. Atribuo uma propriedade, que vetorizo gerando outras ações e sentidos. Interajo a um estímulo, o modulo e ajo como consigo agir. Entre provocador e provocado, mundos próprios co-habitando o ambiente-cena conforme experimentamos os improvisos, conferimos novas marcas-de-ação que expandem nossas respostas no ambiente.

O mundo próprio de Uexküll conversa com Francisco Javier Varela, que me conta que: “O Ambiente (Unwelt) emerge do mundo por meio da realização ou do ser do organismo – [admitindo-se que] um organismo somente pode existir se conseguir encontrar ambiente adequado no mundo” (VARELA, 2003). Eu e os participantes, para que possamos ser e agir na experiência, encontramos, no enquanto dos improvisos, um ambiente adequado onde conseguimos nos realizar através das ações e participações na criação de cenas. Os participantes encontram ambiente adequado para vetorizar suas questões para cena e eu, uma forma de realizar essas questões, vetorizadas em improviso. Na necessidade de existirmos na criação da cena, nos realizamos através de estímulos, provocando e vendo o que é gerado, causando e sentido os efeitos na cena, em um contínuo processo de vetorização, onde eu e eles agimos como vetores direcionando as ações. Seguimos, todos os participantes, compondo e constituindo um ambiente adequado para continuarmos existindo através da composição criativa em Laboratório.

Assim, eu, o Coveiro, me torno uma encruzilhada, um ponto de passagem, um meio que aponta vários caminhos possíveis para os desenlaces da cena. Um vetor entre vetores, um veículo, agindo, instigado por provocações, criando em improvisos,

como consigo agir. O Coveiro personifica o último estágio de contato do corpo morto com a sociedade, o último braço a trabalhar para um homem. Esta figura é a norteadora, o ponto inicial para o desenvolvimento dos Laboratórios, uma figura que, aos poucos, assume outras dimensões, misturando referências e histórias passadas e atuais de múltiplas pessoas que participam desta ação, metáfora e pretexto para falar sobre questões de vida, sua impermanência e efemeridade. Uma reflexão sobre questões atuais, sobre guardar, depositar e encerrar para recomeçar. Um elogio a tudo que continua.

Na próxima cova continuo cavando essa experiência que se dá no e através de meu corpomente vetorizando o Coveiro entre os vetores.

### 3. COVA 2

**P A S S A D O**

**ou Eu Coveiro**

Sigo agora embaralhando o tempo, misturando passado, presente e futuro, rememorando as experiências geradas in vitro. Hoje, em maio de 2023, reabro o caderno de dramaturgia e o vídeo do primeiro Laboratório, elaborando o que segue para pensar que estados e sensações acontecem comigo como vetor em ação, no ato...

**Março de 2017 - Laboratório 1 – Centro Cultural Sesi – Casa Heithor Stockler de França (ocupação *lovlovlov*, durante o Festival de Teatro de Curitiba).**

A primeira experiência de realização do Laboratório de Dramaturgia In Vitro para *O Coveiro*. Já havíamos, eu e Fernando, experimentado a metodologia de *A Escrita na Cena* trazida pela Isabel, no processo de criação de nossa primeira montagem juntos *Lovlovlov – peça única dividida em cinco choques*, mas apenas entre nós três em sala de ensaio. Com a ideia de expandir a metodologia para um processo aberto entre participantes em Laboratório, abrimos o procedimento de provocação para que todos os participantes, não apenas o diretor, provoquem, instiguem o ator em improviso. Nesta primeira experiência, realizada dentro da “Ocupação *lovlovlov*” durante o Festival de Teatro de Curitiba, junto com outras ações formativas e a reapresentação de nossa primeira peça, abrimos inscrição para dramaturgos e artistas participassem. Então, pela primeira vez, realizamos o Laboratório. Após o primeiro dia de compartilhamento da metodologia e demonstração de outros trabalhos criados pela Isabel com a *A Escrita na Cena*, fizemos um debate sobre a figura do coveiro com todos os participantes.

No segundo dia, me coloco no centro da cena para experienciar *O Coveiro* pela primeira vez. Corpo nervoso e tenso. Antes de começarmos e ligar o rec da câmera, escolhemos junto com todos os participantes um espaço de enquadramento. No Centro Cultural Sesi Heitor Stockler de França, um casarão histórico, escolhemos um canto na sala, com porta, janela e uma pia na quina da sala. Muitas possibilidades de lidar com o espaço. Revisamos os limites do dentro e fora de quadro, coração pulsando forte, medo dos meus limites, dos olhares e julgamentos, das expectativas, entro no centro do enquadramento respiro fundo e começamos. Relembro em minha mente uma fala da Isabel a caminho para o Laboratório: “Aproveite o seu cansaço, deixe ele agir contigo”, rememoro essa fala para me acalmar, respiro fundo e espero o primeiro participante entrar na cena e me trazer a primeira provocação. Foram uma

hora e trinta minutos de improvisos ininterruptos nesse primeiro Laboratório, dezesseis participantes fazendo provocações. Após o primeiro improviso controlo meu nervosismo e sigo no fluxo criando cenas a cada impulso de cada participantes. Neste primeiro Laboratório, tudo era inaugural para nós, não sabíamos o que poderia acontecer no caminho, a atenção de nós três estava redobrada para que a experiência acontecesse e que os improvisos fossem encadeados sem pausas longas entre um e outro. Fernando e Isabel chegaram a fazer provocações e os participantes estavam empolgados e trouxeram até mais de uma proposta por pessoa, muitos textos, músicas e materiais. Entre as cenas: músicas, danças, canções, gozo, grito, lamento. Objetos de todos os tipos: máscara, guarda chuva de frevo, espanador, corta, enxada, lixeira... Me joguei nos improvisos e fui a exaustão de cada momento, experimentei bastante as possibilidades de enquadramento, dentro e fora de quadro, as possibilidades com o espaço, a janela, a pia, a porta, uma cadeira, o chão.... E talvez o que tenha me marcado mais nesse primeiro Laboratório, foi perceber como as coisas falam. Havia uma porta de madeira com duas abas fechadas, logo em um dos primeiros improvisos, li um texto que foi dado, e joguei o papel dentro do buraco da fechadura.

#### CENA 1 <sup>11</sup><sub>SEP</sub> O LADO DE CÁ DA PORTA FECHADA

*Luz. Na lateral direita do quadro, uma janela fechada. Na lateral esquerda, a porta fechada. O Coveiro está sentado numa cadeira de madeira frente à pia. Ocupa a esquerda do quadro. O Coveiro olha pelo buraco da fechadura da porta. Recua e se move um pouco na cadeira. Volta olhar pelo buraco da fechadura.*

(rubrica da cena 1 – “O lado de Cá da porta fechada”, primeiro caderno de dramaturgia gerado no laboratório de março de 2017)

Em um outro momento, conversei com alguém que estava atrás da porta. E só lá para o final dos quase 90 minutos de Laboratório, fui novamente espiar pela fechadura, bati na porta e ela se abriu, a porta contracenou comigo e me convidou para entrar. O espaço e os objetos construíram as cenas comigo e escreveram conosco o caderno gerado no primeiro Laboratório.

#### CENA 8 <sup>11</sup><sub>SEP</sub> NA FRONTEIRA

*O Coveiro está sentado na cadeira de madeira com sua enxada e a flor na boca. Veste a luva cirúrgica. Olha para a janela. Olha para a porta. Se levanta. Afasta a cadeira de madeira. Olha pelo buraco da fechadura da porta. Tenta abrir a porta com o caule da flor. Não consegue e olha novamente pelo buraco da fechadura. Enfia a flor no buraco da fechadura e força a porta. Tenta arrombar a porta com a enxada. Com o cabo da enxada finalmente uma folha*

*da porta se abre. Ele para. Olha para fora. Apoia a enxada no ombro. Observa o outro lado, que está escuro. Olha para quem observa. Cantarola uma música de romeiros. Tenta lembrar a letra. Como quem não quer nada, vai entrando na escuridão. Acha do outro lado a carta que ele mesmo havia dobrado e enfiado pelo buraco da fechadura. Tira a luva cirúrgica. Encosta a porta e fica do outro lado, no lado escuro. Abre a carta e lê.*

(rubrica da “cena 8 – Na fronteira”, do primeiro caderno de dramaturgia gerado no laboratório de março de 2017)

Figura 18 - Frame de vídeo do primeiro Laboratório realizado em março de 2017



Fonte: acervo do autor.

[Link para o vídeo do primeiro Laboratório: <<https://youtu.be/VsQR5ey479w>>].

### 3.1 EU ATOR

Escrevo agora num fluxo de memória, buscando trazer aqui um pouco das sensações e pensamentos que passam por mim, que me atravessam enquanto estou em cena no Laboratório, como eu ator, ajo e reajo:

*Me coloco no centro da cena, paro, neutralizo minhas energias, espero uma provocação. Alguém sussurra algo em meu ouvido. Me*

*coloco em prontidão enquanto escuto atento. Ouço todas as indicações e simultaneamente me preencho com ideias e questões de como executa-las. Terminada a provocação feita ao pé do meu ouvido me coloco pronto para ação. Em alguns milésimos de segundos entre ouvir atento, já pensando em como realizar o que me é estimulado, traço um plano de execução, mapeio meu corpo com o que me é pedido, me oriento no espaço, com as coisas, memorizo as palavras, a frase ou texto que me solicitam que diga, vetorizo em ação, gestos, cena o que foi soprado em meu ouvido. Em milésimos de segundos, o desejo do outro, sua provocação se torna meu desejo também, se torna ato, ação corporalizada em improviso. Não é sempre que consigo memorizar tudo o que me foi pedido, nem sempre consigo realizar todos os pontos do que me foi sussurrado. Minhas ferramentas, minha experiência, corpo, voz imaginação e prontidão para ação tem suas limitações. Dessas pequenas falhas, desses desvios teço uma cena com meu corpo no espaço, palavras improvisadas saem da minha boca, enquanto faço uma coisa penso no próximo passo e imediatamente pego um próximo caminho que me leva a outro, procuro lembrar o que mais foi pedido enquanto trafego de uma ação para outra. Paro, respiro, olho pro espaço, penso de que outra forma posso usa-lo, o que mais foi pedido? Qual o sentido que a pessoa queria que eu desse a essa fala, a esta ação? O que foi realizado era mesmo o que pessoa queria? Fiz o que eu queria? Caminho por todas as possibilidades do que foi provocado, vou ao limite do que consigo pensar e agir na hora, esgoto as ações. As vezes repito, repito o gesto, repito o texto, as vezes tem um papel com uma anotação, uma palavra escrita, uma frase, as vezes um xerox de um texto, um pedaço de jornal, um parágrafo em um bloco de notas, as vezes decoro rapidamente o que a pessoa diz no meu ouvido. As vezes quero cavar uma cova e me esconder. As vezes quero repetir, tento lembrar quais foram os primeiros improvisos e voltar a eles, refazer. Junto o que estou fazendo agora com uma outra palavra, um outro objeto que me foi dado e está pelo espaço. Será que paro? Será que fiz tudo o que podia? Não dava para ir mais, ser mais criativo,*

*fazer outra coisa com isso? Será que só faço o que foi pedido, só executo e pronto. Paro. Neutralizo e espero outra pessoa vir me dizer algo. Uma pausa, até que alguém me traga uma nova possibilidade, um novo estímulo. Não se trata de uma neutralidade vazia, um corpo em repouso. Pelo contrário, sou um corpo cheio, a espera, em prontidão. Um estado corporal, mental e energético de quem foi até onde podia com o imprevisto anterior. Estou parado, mas presente esperando o próximo participantes trazer algo. Na próxima, espero o fim da provocação e penso mais um pouco antes de seguir fazendo, traço mais planos do que posso fazer antes de começar a agir e novamente me coloco em ação.*

Enquanto ajo, muitas vezes fecho a minha visão, me foco na ação, não olho para os outros, olho para o espaço, para as coisas, me vejo fazendo, me olho de fora, de cima, do lado. Não se trata de me fechar para os outros, de construir uma parede, ao mesmo tempo que me fecho em mim, na ação, também estou direcionando os olhares dos outros, para mim, para a cena, mas também estou junto do olhar deles, também estou com eles, na frente e ao lado deles. Esse entre, abrir e fechar a visão, o olhar, entre olhares para a cena e olhar para as pessoas constrói um ambiente no espaço onde a cena acontece, ambiente este, onde o espaço para mim e para os participantes se torna diversos lugares por onde caminho com suas, minhas palavras, coisas, gestos, cenas. No enquanto do Laboratório criamos juntos um mesmo ambiente onde coabitamos as cenas.

Muitas vezes, contraceno com a câmera, falo com ela, para ela, como uma câmera de segurança, como um buraco na fechadura, como alguém que me vê, que está ali comigo, como alguém que irá me ver, depois em um futuro próximo, no material editado. Me aproximo, me distancio dela, fujo do quadro, entro em quadro, esqueço dela, relembro, faço para ela. Olho bem fundo na lente como que querendo atravessá-la ou entrar dentro dela, me aproximo com a boca aberta como querendo que ela me veja por dentro, que ela entre também em mim. No último Laboratório pensei, por que não movê-la? Por que não brincar com a própria estrutura, por que não desfazer o quadro que todos combinamos e definimos em conjunto? Num dado imprevisto, girei a câmera pelo espaço, movi ela para outro ângulo, virei ela para a plateia e dancei entre as poltronas do espaço, voltei para o palco, girei a câmera para

os participantes que estavam atrás dela e registrei um a um. Inverti o jogo dentro do jogo e filmando os participantes que sempre ficam só dela a olhar.

Quando as coisas não dão certo e o Laboratório quase não acontece, quando as coisas não se amalgamam, quando um improviso ou uma provocação não se ligam um ao outro, quando as pessoas não estão atentas, quando não trazem proposições, quando também improvisam na hora de dar uma proposta, quando as coisas não fazem fazer sentido, quando não entendem a proposta e estão com preguiça de agir junto, quando as coisas não fluem, o tempo parece que se arrasta. Tenho que tirar energia do fundo do corpo para seguir em frente. Inventar em cima do que foi sugerido, fazer outra coisa. Quando o improviso parece vazio, quando não dou conta, mas tenho que seguir. Quando para e quando acaba? Qual o fim da cena, o fim do improviso? Quando terminam as provocações? Quem provoca quem, quando paro? Quem provoca quem, quando não realizo o que foi solicitado, quando faço uma parte, ou quando faço outra coisa? Quem sabe o que me foi dito e o que realmente estou fazendo. E se estão entediados, achando que não faz sentido. Se estão olhando, mas não me vendo. Se não estão presentes. Que presença eu instaurou.

Esta presença de prontidão para a ação, ao mesmo tempo neutra para receber um novo impulso para o improviso, é a ação do ator como vetor, um vetor entre vetores participantes. Um corpo pronto e disponível para executar uma nova ação, recheado de memórias do que já viveu e fez até ali, mas disponível para acolher novas ideias e realizá-las simultaneamente. Um corpo de ator que vetoriza as provocações na cena, que se afeta com o outro e busca afetar todos que estão ali, cúmplices da cena. Geramos juntos redes de afetos, onde, entre afetar e ser afetado pelo outro, essa rede instaura o ambiente Laboratório que gera a cena e gera o Coveiro, através das cenas improvisadas. O Coveiro surge entre ser provocado e o que consigo vetorizar em ação, gesto ou fala em improviso. O Coveiro é um vetor entre vetores. Não é uma figura imposta, nem um personagem previamente preparado, ele acontece no enquanto de cada Laboratório e cada vez de um jeito. Em Laboratório, não sou eu, nem um personagem ou somente uma figura, O Coveiro é propriamente um estado entre eu e os participantes dentro deste ambiente que se constrói através dessa rede de afetos entre quem participa, ele surge em cada provocação feita ao pé do meu ouvido, através deste jogo que se estabelece entre eu e os participante. Não há uma relação ator/personagem, justamente, por que a proposição in vitro do Laboratório é que se construa um coveiro através das provocações dos participantes, in ato, através

do olhar, das propostas e de cada ambiente coletivo que se instaura a cada experiência. O Coveiro, aqui, é aquele que recebe o impulso, que pelo impulso realiza uma ação, ele se constrói na prática do acontecimento na relação com as pessoas em Laboratório.

[Link para o vídeo gerado no quinto Laboratório: <<https://youtu.be/9PtKRW-MsFM>>].

[Link para o vídeo da conversa com os participantes após o Laboratório: <<https://youtu.be/Pp8nThJrYco>>].

### 3.2 IR E VIR ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Se a arte trata do que captura para problematizar o social, do individual (do artista com a coisa) para o cultural (a relação na sociedade), do aparentemente interno para o externo, o objeto de arte se torna uma transindividuação que, em experiência, in-ato, no ato do movimento, da ação em Laboratório, transforma o indivíduo e o coletivo, mobiliza os participantes e os convida a agir junto. A experiência transindividual dos participantes no Laboratório, entre provocar e ver a ação correspondente em forma de improviso, é o que faz ultrapassar a experiência da ação puramente e resignifica o objeto estético. Na participação, entramos em processo de individuação através do movimento transindividual. Francisco Gaspar sopra em meu ouvido:

A relação do sujeito com o coletivo e com o mundo é resolutive, inventiva porque nela ele resolve as incompatibilidades entre as multiplicidades internas e externas, o que percebe e o que sente, inventando para si um mundo e sendo um mundo para outrem. Portanto, o sujeito situa-se em uma zona limiar entre as duas faces do ser (realidade individuada e natureza inindividuada), tendendo a resolver na significação transindividual a explicação para os dois campos de significações. (GASPAR NETO, Francisco, 2020, p.106).

O Laboratório gera uma experiência de coletividade que nos move a participar, na relação do sujeito com o coletivo. No contato do meu mundo próprio, ator, Coveiro, com os outros mundos de cada sujeito em Laboratório, surge uma relação inventiva para dar conta do ser em meio a coletividade e o fazer saltar para novas possibilidades de relação com este meio. Neste contato entre a realidade individuada de cada ser e

a realidade inindividuada do coletivo, acredito que não são eles, nem eu quem provoca e é provocado, o que chama a atenção fora é a resposta a um problema interno de cada individuo, a partir da experiência in-ato, algo de dentro que me inquieta, me faz saltar para fora e agir. O Laboratório promove uma prática discursiva que produz corpos em choque, em experiência, no tempo real da ação se fazendo. Um ambiente compositivo que produz afetos e efeitos. Manning cita Deleuze para explicar esse tempo presente, real, da arte e o que ele produz:

Uma pluralidade de tempo no tempo multiplica a experiência no agora. Isso, sugere Deleuze, é o que a arte pode fazer. A arte não como a forma que um objeto assume, mas como a maneira pela qual o tempo é composto. (DELEUZE apud MANNING, 2018, p. 51).

O tempo em Laboratório se multiplica e evidencia a pluralidade das ações contidas nele, tempo entre ouvir e reagir, tempo de um improviso ao outro, tempos dentro do improviso, tempo da palavra dita, lida, do gesto. Esses vários tempos nesse agora mobilizam os participantes e fazem o Laboratório acontecer e gerar coisas, cenas e dramaturgias, porque compomos através dessa pluralidade de tempos no agora da criação.

A experiência em Laboratório promove a subjetivação dos partícipes, gera processos de individuação no trânsito entre o individual e o transindividual (coletivo, social, cultural), promovendo outras formas de coletividade. Simondon (1969), filósofo e pensador francês, desenvolveu uma teoria sobre os tipos de coletividade em sua obra *Du mode d'existence des objets techniques* (Sobre o modo de existência dos objetos técnicos). Ele propôs três tipos distintos de coletividade:

1. Coletividade Associada: Onde os elementos estão apenas juntos, mas não têm interdependência significativa. Cada elemento mantém sua autonomia e funcionalidade. Não há uma interconexão profunda entre eles, e a coletividade associada pode ser desfeita facilmente sem impactar significativamente os elementos individuais; 2. Coletividade Social: Caracterizada por uma maior interdependência entre os elementos. Os indivíduos ou elementos estão conectados por laços sociais, normas e valores compartilhados. Essa coletividade possui uma organização mais complexa e suas ações são influenciadas pelas relações sociais e pela dinâmica do grupo e 3. Coletividade Orgânica: Aquela em que os elementos estão profundamente interligados, formando uma unidade funcional. As ações e o funcionamento de cada

elemento são coordenados em relação aos outros. É uma coletividade que apresenta um alto grau de integração e interdependência, onde os elementos atuam em harmonia para cumprir um objetivo ou função comum. (SIMONDON, 1969).

Esses tipos de coletividade propostas por Simondon têm aplicação não apenas em contextos sociais, mas também na análise de sistemas técnicos e outros domínios. Através dessa análise, Simondon busca compreender a evolução das estruturas sociais e técnicas, bem como as relações entre indivíduos e o meio em que estão inseridos. Assim, aquilo se põe em movimento no Laboratório é uma vetorização de uma coletividade orgânica, onde todos os sujeitos que surgem no acontecimento da experiência estão profundamente interligados, vetorizando o objetivo em comum de criar cenas para o Coveiro. Essa experiência participativa em Laboratório é ação, movimento vetorizado direcionando para um acontecimento, gerado pela coletividade orgânica que surge na relação de integração e interdependência entre os participantes em harmonia para o objetivo comum de estimular os improvisos para gerarem cenas.

Neste campo de relação, os vetores sintonizam para o que Manning chama de “mais-que” da obra, ou seja, mais que a unidade da obra, que é modulado por meio do trabalho coletivo e participativo, do jeitinho (*minor gesture*). Ela propõe jeito como arte de devir, ultrapassagem do objeto, tanto em relação à forma quanto ao conteúdo. Forma é onde emerge a artimanha (onde o mundo ainda não se estabeleceu em objetos e sujeitos). “O que emerge do in-ato é o que Whitehead designa como sociedade, o devir de um amplo campo relacional que ultrapassa a atomicidade da ocasião iniciando sua entrada na existência” (MANNING, 2018, p. 278). Colocando em revisão os limites da existência, na experiência do Laboratório com sua estrutura participativa, convidando o outro a co-criar através de cada individualidade presente, abrindo as percepções produzindo juntos diferença. A artificiosidade, segundo Manning (2018), vive na intersecção entre a ocasião real ensimesmada e o potencial da vasta extensão do nexa da ocasião. A artificiosidade é a possibilidade de explorar a relação entre ação e o potencial, entre o real e o possível, com a capacidade de criar novas possibilidades de movimento e ação, abrindo uma multiplicidade de possibilidades. Uma experimentação dos gestos e movimentos, permitindo que o corpo encontre outras maneiras de se expressar e se relacionar com o ambiente:

Whitehead fala disso em termos de criação de mundos – sentir um além que está determinado e apontar para um além ainda por ser determinado (1978, p. 163). Ser determinado aqui é resolutamente ser em potência – por

consequência, a vetorização de um tom-da-sensação não pode ser mapeada de antemão, e não se pode prever se pousará de maneira a ativar uma mundificação. Mas pode ser modulado por meio do trabalho colaborativo e participativo do jeitinho (*minor gesture*). A artimanha (*artfulness*) emerge dessa mistura. (MANNING, 2018, p. 278).

Como vetor, através da tecnicidade evidente do Laboratório, instaura-se um “jeitinho” no acontecimento das provocações que movem os corpos-mundos ali presentes, guiados pelo tom-da-sensação, pelos sentimentos gerados no acontecimento. Forma-se um ambiente em meio a câmera, pessoas, ações e reações, palavras-coisas, movendo-se pela participação das pessoas, entrelaçando gestos, situações e cenas. As pessoas sentem o desejo de inspirar um improviso com uma questão determinada que, na ação em resposta, aponta para um além ainda por ser determinado. As decisões de improviso não são ações totalmente conscientes nem individuais, mas sim um fluxo transindividual entre todos os que ali estão. Vetorizo as ações, conduzo elas em direção a uma significação ainda por se determinar no próprio ato, no durante da composição.

A tecnicidade aberta às pessoas é uma espécie de *a priori* do Laboratório, presente desde o início, é a multiplicidade operacional que abre o processo, é o coração dessa prática participativa. O Laboratório, como prática cênica, propõe um conhecimento disruptivo, praticando outras formas de criação artística que aproximam o outro do cerne da criação, des-normatizando e criando um processo aberto, convidando o outro a experimentar a tecnicidade criativa que ativa o acontecimento do trabalho pela participação no processo. À medida em que as pessoas agem, todo o Laboratório se rearticula e produz novos efeitos. Através da interferência das pessoas, as cenas geram outras significações e promovem novos sentimentos. Gera uma experiência na qual os sujeitos que participam, e o próprio objeto estético, surgem conjuntamente na relação. Essa criação em Laboratório se inscreve no próprio movimento criativo da vida, nesse trânsito entre o coletivo agindo em um jogo participativo, à medida que extrai da realidade cotidiana uma invenção contínua de si na qual não há diferença entre fazer e conhecer. Através da prática participativa se instala outros modos de pensamento, como uma linha de fuga de nossos ensimesmamentos com a possibilidade de nos lançar novamente ao mundo, na relação transindividual que nos faz saltar de nossas individuações. Nesta experiência, extraímos da realidade cotidiana lugares, situações estéticas que deslocam o espaço-tempo do aqui e agora, fazendo a experiência ultrapassar os

limites do que acontece, tocando na subjetivação de cada indivíduo presente. A relação transindividual que se dá no contato com outro no Laboratório, assim como na vida, provoca a individuação dos sujeitos e do objeto estético, de forma co-dependente, na resposta/cena in-ato se expande o mundo próprio dos partícipes e do Coveiro, resgatando as estruturas do mundo mágico, que se estabelecem entre o humano e o mundo, como aponta Simondon (apud GASPAR NETO, 2020).

#### 4. COVA 3

**F U T U R O**

**concluindo o inacabamento**

*Tudo aparecia para mim pela primeira vez: diferente demais, novo demais, intenso demais para que eu pudesse levar comigo. Tive que esquecer, e esquecer tudo. Criar um vazio para abrir espaço ao resto: às coisas futuras, ao que será em breve meu passado, ao mundo inteiro. Criar um vazio para tornar possível qualquer experiência. Eu tive que esquecer, e esquecer tudo, para poder perceber a mim mesmo. (COCCIA, 2020, p. 1).*

Em um último sopro em meu ouvido, ouço Emanuele Coccia (2020) no livro *Metaformoses*, onde o autor fala que o nascimento é uma conjunção dos tempos presente passado e futuro. Entendo que a ação do passado no presente projeta o futuro. O presente, contém o passado impulsionando o futuro. Nas palavras de (BERGSON, 1999 apud GASPAR NETO, 2021, no prelo) pelo fato de vivermos um presente que é o passado se desenrolando sobre o futuro.

No presente desta escrita, enquanto escrevo as experiências passadas nos Laboratórios, se desenrolam as reflexões, o futuro agindo nesta escrita. Entendo que o acontecimento nos Laboratórios é uma vetorização, o Laboratório também age como um vetor, que acontece através do jeito como compartilhamos as técnicas e procedimentos de criação, convidando as pessoas a se abrirem a participação e criarem juntas. Os participantes são apresentados ao passado, ao caminho percorrido pelo grupo de criadores da te(a)tralogia desde o surgimento da ideia dos Labs. até o acontecimento da prática. No presente, na ação, são convidados a criar e escrever conosco através de suas presenças e questões. Neste presente, eles agem também como vetores, na forma como interagem e participam comigo na ação dos improvisos para a geração de cenas. No futuro, passado dos improvisos se desenrolando no presente, os participantes recebem o vídeo editado e o caderno de dramaturgia. A artimanha nesta obra artística *Laboratório de Dramaturgia In Vitro para o Coveiro* se instaura através da experiência prática de co-criação que gera um vídeo e um caderno de dramaturgia. Os Laboratórios continuam agindo nas reverberações nas pessoas que participaram, em mim e no grupo de artistas que continua trabalhando para que os experimentos em Laboratório, as matérias e materiais gerados sejam transformados em uma outra obra, em uma futura peça de teatro. A ação continua.

#### 4.1 TRABALHO

Cavo aqui meu trabalho, meu ofício de artista, essa atividade produtiva intelectual de gerar obras de arte que produzam outras formas de ver e se relacionar com o mundo. Continuo o trabalho, sigo no esmero de encontrar formas de subjetivação que nos lancem para outros sentimentos e conhecimentos na relação com as pessoas. Continuo escavando esse buraco, o trabalho nos Laboratórios, que se inicia na elaboração da ideia, perpassando os jeitos de convite para realizá-la, no encontro com as pessoas, alunos, dramaturgos, estudantes de teatro, colocando-o em comunicação com a comunidade. Trabalho que segue nas elaborações, nos roteiros para transmitir nossos procedimentos para a execução prática, trabalhando nas articulações entre os participantes, no engajamento das conversas e reflexões que os convoquem para a atenção e ação, na realização da *Escrita na Cena* através dos meus improvisos e participações das pessoas. Meu trabalho como ator na cena é experimentar, utilizando minhas ferramentas, corpo, voz, imaginação voltados para a instauração da prática. Sigo compondo, vetorizando os meus desejos e dos participantes, criando juntos as cenas improvisadas, em um jogo entre afetar e ser afetado. Nas conversas e reverberações após os exercícios.

O trabalho posterior na edição dos vídeos, no cuidado em rever as imagens, a precisão em cortar, editar e amalgamar os frames, em retirar apenas o que não vai contribuir para compor a dramaturgia de cada experiência. O labor em transcrever cada vídeo gerado, transformar os gestos em rubricas, descrever as espacialidades, os enquadramentos, a manipulação dos objetos utilizados, intenções, pausas, tempos. Expandir os sentidos das coisas na escrita, contar as ações que aconteceram e provocar outros sentires através da dramaturgia. No livro *Danças e Dramaturgias*, organizado por Caldas e Gadelha (2016), Lepecki fala em como “[...] os objetos, temperaturas, elementos invisíveis e intangíveis devem ser considerados como ações a serem observadas” (LEPECKI, 2016, p. 72), em aceitarmos o fato de que as coisas, objetos e temperaturas certamente agem. Nessa escrita, a dos cadernos a partir dos vídeos, o trabalho sutil e delicado está em captar as direções, os vetores de cada interpretação e rearticula-los compondo a dramaturgia. Lepecki lembra que “uma atividade importante do dramaturgista é lembrar a todos dessa força soberana do trabalho, da necessidade de todos trabalharem para o trabalho – desfazendo assim uma certa imagem (teológica) da criação” (LEPECKI, 2016, p. 75).

Assim segue a ação do meu trabalho, na tentativa de vetorizar nesta dissertação a experiência prática em escrita, entre percepção e reflexão. Trabalhar para o trabalho/obra continuar trabalhando, fazer a obra chegar a outros lugares, a outras pessoas. O trabalho aqui não morre, ele se transforma, se metamorfoseia e continua agindo, nos mundos das pessoas que foram tocadas, na minha experiência corporalizada, nas memórias dos participantes, nas possibilidades de continuarem utilizando os procedimentos em suas criações, nos materiais que ficam, nos vestígios dos acontecimentos, em uma futura peça que será criada com e a partir desta experiência.

Por isso me toca a ideia de “metamorfose” trazida por Coccia, por trazer a noção de que não há oposição entre o vivo do não vivo, os viventes não são apenas continuidade do não vivo, eles são seu prolongamento, sua metamorfose, sua expressão mais extrema (COCCIA, 2020). Ele aponta a vida como uma metamorfose contínua e sucessiva por um tempo determinado. A metamorfose como o nascimento, e o nascimento não como antítese da morte, mas sim, o “ver seu próprio corpo gerar outros corpos” (COCCIA, 2020, p. 28), ver:

Seu próprio corpo transformado em uma matriz atravessada por uma vida que não tem mais nada de pessoal e individual, pois transita e se transmite de um indivíduo a outro, de um corpo a outro, sem, no entanto, negar a individualidade e autonomia de ambos. (Coccia, 2020, p. 37).

Ele nos conta como a “metamorfose” é a adesão e coincidência de um corpo estranho “o corpo de um outro que adotamos, que domesticamos pouco a pouco” (COCCIA, 2020, p. 38), como todo ser metafórico, todo ser nascido “é composto e habitado por essa alteridade que jamais poderá se apagar” (COCCIA, 2020, p. 39):

Todos os seres vivos são, de uma certa forma, um mesmo corpo, uma mesma vida e um mesmo eu que continua passando de forma em forma, de sujeito em sujeito, de existência em existência. Essa mesma vida é aquela que anima o planeta, também ela nascida, e extraviada de um copo preexistente. (Coccia, 2020, p. 27).

Seguindo o pensamento de Coccia, apenas por que nascemos que há mundo, a partir do nascimento, da vida, a metamorfose é um destino. Ela nos faz compreender a metamorfose como uma suspensão temporária de todas as fronteiras e identidades, tanto as do eu como as do mundo. O mundo seria o laboratório de gênese do eu, e o eu a matéria mais preciosa do mundo, o mundo, aquele que não para de transformá-

lo. A metamorfose em Coccia conversa com o mundo próprio de que nos fala Uexküll, conforme apreendemos novos objetos no mundo, adquirimos novas “marcas-de-ação” que nos impulsionam, nos “metamorfoseamos”, expandindo nosso mundo próprio em contato com outros mundos no ambiente. Nas palavras de Coccia “a metamorfose permite a uma vida conectar vários mundos incompatíveis: o eu torna-se a síntese de vários universos e não o reflexo ou o espelho do que está ao seu redor” (COCCIA, 2020, p. 50). Minha relação como vetor entre as pessoas no Laboratório não é um reflexo aos impulsos individuais, mas uma conexão, uma metamorfose entre os mundos próprios de cada sujeito presente ao redor, tornando um espaço habitado para explorar e desdobrar.

O futuro não está lá na frente ou quando olhamos para cima, quando o procuramos no céu, nas estrelas, olhando para fora no universo. O futuro está em nós que somos a vida, que estamos aqui no presente, sentindo e agindo. Somos parte da matéria que se move no planeta e se transforma, estamos em constante metamorfose. Eu Diego, Coveiro, continuo como nos Laboratórios a me afetar e ser atravessado por ele. Convivo com seus resquícios acreditando que todo conhecimento de si é sempre um conhecimento de outras formas de vida. Como nos fala Ailton Krenak “a vida não é algo a nosso redor, mas algo que nos atravessa tanto de dentro quanto de fora. Não há entorno - nem vida ao redor -, há apenas um fluxo, um *continuum* do qual nós somos o ato da metamorfose” (KRENAK apud COCCIA, 2020, p. 201)

## NOTAS

### Vídeos dos Laboratórios realizados:

- **Setembro de 2022 – Laboratório 6** – Caixa Cultural Curitiba (junto com a temporada da peça “O Universo Está Vivo Como Um Animal”) - Link para video de O COVEIRO 6: <<https://youtu.be/CJVakFRfujs>> - Link para conversa com os participantes após Laboratório 6: <<https://youtu.be/lw05swM0x8o>>.

- **Maio de 2022 – Laboratório 5** – Colégio Estadual do Paraná - Link para video de O COVEIRO 5: <<https://youtu.be/9PtKRW-MsFM>> - Link para conversa com os participantes após Laboratório 5 no Colégio Estadual do Paraná: <<https://youtu.be/Pp8nThJrYco>>.

- **Abril de 2022 – Laboratório 4** - Casa Quatro Ventos - Link para video de O COVEIRO 4: <[https://youtu.be/AX0T1\\_PKQCc](https://youtu.be/AX0T1_PKQCc)> - Link para conversa com os participantes após Laboratório 4: <<https://youtu.be/i-lAh4HefEw>>.

- **Abril de 2022 – Laboratório 3** - Centro Cultural Sesi Unidade Nelson Charuri (realizado junto da “ocupação te(a)tralogia”) - Link para video de O COVEIRO 3: <<https://youtu.be/3X3E7ISrzoA>>.

- **Agosto de 2019 – Laboratório 2** – Centro Cultural SESI - Unidade Nelson Charuri (realizado junto com a temporada da peça “People vs People”) - Link para video de O COVEIRO 2: <<https://youtu.be/wbl90McR9wc>>.

- **Março de 2017 - Laboratório 1** – Centro Cultural Sesi – Casa Heithor Stockler de França (junto com a ocupação “lovlovlov”, durante o Festival de Teatro de Curitiba) - Link para video de O COVEIRO 1: <<https://youtu.be/VsQR5ey479w>>.

- Link para acessar CADERNOS DE DRAMATUGIA gerados nos laboratórios de 2017 e 2019: <<https://www.rumodecultura.com/ocoveiro>>.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O Aberto: o homem e o animal**. Tradução de Pedro Mendes – 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

COCCIA, Emanuelle. **Metaformoses**. Rio de Janeiro: Dantes, Trad. Madeleine Deschamps e Victória Mouawad, 2020.

DANTAS, M. F. Acoradas no Corpo, Acoradas na Experiência: Etnografia, Autoetnografia e Estudos em Dança. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 27, p. 168-183, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.

FIADEIRO, João. **Composição em Tempo Real**. Portugal: 2008.

FIADEIRO, João; VOMERO, Maria. Entrevista performática com João Fiadeiro. **Mitsp.gov**. 2020. Disponível em: <<https://mitsp.org/2020/entrevista-performatica-com-joao-fiadeiro/>>. Acesso em 27 de junho de 2022.

FINITUDE: **O sepultador de Ilusões [reprise]**. Entrevistado: Fininho. Entrevistadores: Juliana Dantas e Renan Sukevicius. 2021. Spotify. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/4dVVUIPPydu2N9pn28vupR?si=AkXmqA82SHy1jc0R5KsZug&context=spotify%3Ashow%3A5TVizb5M4KJGmjrNVLcAQM&nd=1>>. Acesso em 26 de junho de 2022.

FORTIN, Sylvie. **Contribuições Possíveis da Etnografia e Auto-etnografia para a Pesquisa na Prática Artística**. Revista Cena 7. Trad. Helena Mello, 2009.

GASPAR NETO, Francisco. **Modo operativo and (mo and): o incomum em comum**. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Teatro, Florianópolis, 2016.

GASPAR NETO, Francisco. O incomum em comum: indivíduo e coletivo em Gilbert Simondon. In: ARMILIATO, V; BOCCA, F. V. (orgs.) **Um lugar para o singular: Georges Canguilhem em perspectiva**. Curitiba: CRV, 2020.

GASPAR NETO, Francisco. **Composição em Tempo Real**. Não publicado. No corpo do texto: (GASPAR NETO, F. Não publicado).

GREINER, Christine. **Em busca de uma metodologia para analisar a alteridade na arte**. Campinas: 2017.

KASTRUP, Virginia. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001.

LEPECKI, André. Errância como trabalho: sete notas dispersas sobre dramaturgia da dança. In: **Dança e Dramaturgias (s)** / organizado por Paulo Caldas, Ernesto Gadelha; traduzido por Nathália Mello, Rosa Ana Druot de Lima, Sylvain Druot - Fortaleza; São Paulo: Nexus, 2016.

LIMA, Dani. **Gesto Práticas e Discursos**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2013.

MANNING, Erin. **Artimanhas**: coletividades emergentes e processos de individuação - andré Arias Fogliano de Souza Cunha – Lugar comum, 2018.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina**: e outros poemas para vozes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

O COVEIRO. **Rumo de Cultura**. Curitiba. (2017-2020). Disponível em: <<https://www.rumodecultura.com/ocoveiro>>. Acesso em 21 de ago. de 2023.

O UNIVERSO Está Vivo como um Animal. **Rumo de Cultura**. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.rumodecultura.com/tesla-audioserie>>. Acesso em 21 de ago. de 2023.

RUMO DE CULTURA. Lab O COVEIRO CEP 07 07 22. **Youtube**, Rumo de Cultura. 2023. 1 vídeo (52'32"). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9PtKRW-MsFM>>. Acesso em 19 de ago. de 2023.

RUMO DE CULTURA. Lab O COVEIRO CEP conversa 07 07 22. **Youtube**, Rumo de Cultura. 2023. 1 vídeo (15'18"). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pp8nThJrYco>>. Acesso em 19 de ago. de 2023.

RUMO DE CULTURA. Conversa 26 04 22. **Youtube**, Rumo de Cultura. 2022. 1 vídeo (2'06"51"). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GSwXnl7Zy1k>>. Acesso em 19 de ago. de 2023.

RUMO DE CULTURA. O COVEIRO de CURITIBA 4 - LABORATÓRIO DE DRAMATURGIA IN VITRO para O COVEIRO (2022). **Youtube**, Rumo de Cultura. 2022. 1 vídeo (47'46"). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=AX0T1\\_PKQCc](https://www.youtube.com/watch?v=AX0T1_PKQCc)>. Acesso em 19 de ago. de 2023.

RUMO DE CULTURA. O COVEIRO de CURITIBA 4 - LABORATÓRIO DE DRAMATURGIA IN VITRO para O COVEIRO (2022) - [ debate ]. **Youtube**, Rumo de Cultura. 2022. 1 vídeo (17'12"). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i-lAh4HefEw>>. Acesso em 19 de ago. de 2023.

RUMO DE CULTURA. O COVEIRO - LABORATÓRIO DE DRAMATURGIA IN VITRO (2017). **Youtube**, Rumo de Cultura. 2020. 1 vídeo (38'33"). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VsQR5ey479w>>. Acesso em 21 de ago. de 2023.

RUMO DE CULTURA. Lab O COVEIRO CEP 07 07 22. **Youtube**, Rumo de Cultura. 2023. 1 vídeo (52'32"). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9PtKRW-MsFM>>. Acesso em 21 de ago. de 2023.

RUMO DE CULTURA. Lab O COVEIRO CEP conversa 07 07 22. **Youtube**, Rumo de Cultura. 2023. 1 vídeo (15'18"). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pp8nThJrYco>>. Acesso em 21 de ago. de 2023.

RUMO DE CULTURA. Lab O COVEIRO Caixa Cultural. **Youtube**, Rumo de Cultura. 2023. 1 vídeo (56'48"). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CJVakFRfujs>>. Acesso em 21 de ago. de 2023.

RUMO DE CULTURA. Lab O COVEIRO Caixa Cultural conversa. **Youtube**, Rumo de Cultura. 2023. 1 vídeo (26'41"). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lw05swM0x8o>>. Acesso em 21 de ago. de 2023.

RUMO DE CULTURA. O COVEIRO de CURITIBA 3 - LABORATÓRIO DE DRAMATURGIA IN VITRO para O COVEIRO (2022). **Youtube**, Rumo de Cultura. 2022. 1 vídeo (36'16"). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3X3E7ISrzOA>>. Acesso em 21 de ago. de 2023.

RUMO DE CULTURA. O COVEIRO de CURITIBA 2 - LABORATÓRIO DE DRAMATURGIA IN VITRO para O COVEIRO (2019). **Youtube**, Rumo de Cultura. 2020. 1 vídeo (39'50"). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wbl90McR9wc>>. Acesso em 21 de ago. de 2023.

SIMONDON, Gilbert. Introduction. In G. Simondon. *Du mode d'existence des objets techniques* (pp. 9-16). Paris: Aubier. 1969.

TEIXEIRA, Isabel. A escrita na cena: anatomia de uma dramaturgia do coração. **Sala Preta**, São Paulo, 121-126, 11/2008.

UETA, Lidia. LAB O Coveiro - 28.04.22. **Youtube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PQCvsx1HFM0>>. Acesso em 23 de junho de 2022.

UETA, Lidia. conversa lab - 2o dia. **Youtube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5Ao3YY4QCC4>>. Acesso em 23 de junho de 2022.

UEXKÜLL, Jakob von. **Dos Animais e dos Homens**. Lisboa, Livros do Brasil, 1982.

VARELA, Francisco. **O Reencantamento do concreto**. São Paulo: HUCITEC, 2003

VELLOSO, Marila. Corpo, espaço, ambiente 1. **Youtube**. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s0Ucb47gAJY>>. Acesso em 05 de maio de 2021.

## APÊNDICE I

### TE(A)TRALOGIA

Em 2015, um grupo de artistas se reuniu para criar *LOVLOVLOV*, trabalho sobre a vida de Carmen Miranda, onde percebemos que, a partir do desenvolvimento desta criação poderia-se aprofundar os processos de pesquisa e criação de dramaturgia e cena de forma compartilhada pelo grupo, investigando suas lógicas, línguas e pulsos. O estudo e prática da *Escrita na Cena*, metodologia utilizada para a criação de uma dramaturgia própria, a reutilização de dispositivos potentes descobertos em sala de ensaio, o trabalho em relação a atuação, o aprofundamento no processo de criação colaborativa de uma mesma equipe de criação. O interesse central do grupo é o de criar atmosferas, modos de estar na cena e vocabulário próprio para promover relação e encontro com o espectador. Assim, este grupo de artistas criou a série Te(a)tralogia. Série estruturada na criação de 4 peças: *LOVLOVLOV (peça única dividida em cinco choques)* – 2016; *PEOPLE Vs. PEOPLE* – 2019; *PEOPLE Vs. TESLA* (peça elétrica para moviola) – em criação, com estreia prevista para 2022 e *O COVEIRO* - pesquisa iniciada em 2017. Em 2020 lançam a áudio série *PEOPLE Vs. TESLA* (peça elétrica para ondas de rádio) (<https://www.rumodecultura.com/tesla>) e em 2021 o documentário *te(a)tralogia.doc* – 2021.

O corpo criativo das peças é composto pelos artistas: Diego Marchioro, Elenize Dezgeniski, Fernando de Proença, Isabel Teixeira, Edith de Camargo, Cindy Napoli, Beto Bruel, Augusto Ribeiro, Nadja Naira, Elke Siedler, Renata Roel, e Paulo Vinícius. Um grupo de pessoas unidas por um grupo de peças. Uma te(a)tralogia no meio do caminho.

## APÊNDICE II

### CAMINHOS QUE SE ENCONTRAM

Eu vou contar pra vocês uma história bem marotinha, uma historinha linda linda linda que explica tudinho sobre o por que eu estou aqui... (fragmento da dramaturgia de *Lovlovlov*).

Era o segundo mês de 2021. Abri um word de título *Lovlovlov* Roteiro geral dois barra cinco e, de palavras no diminutivo e textinhos coladinhos minha voz chegou e é escutada também agora por você. Cinco anos dos cinco choques e agora estamos no quarto mês de 2016. Fernando e eu de ternos e sem barba conversamos com Edith, com cabelos arrepiados, no camarim do Teatro Cleon Jacques, em Curitiba. Nossa estreia! Dilma Rousseff presidenta do Brasil, Augusto de vestido levantando botões na mesa de luz com o Beto, Isabel lá fora, Vini olhando para a cabine e Cindy de vestido e brincos longos na entrada do teatro. Esta imagem pode ser explicada se agora formos para 2013 quando convidamos uma amiga para fazer a capa de um projeto que foi pelo correio para a Fundação Cultural de Curitiba. Dentro do projeto impresso tinham palavras que falavam, a partir da figura da Carmen Miranda, que Fernando e eu queríamos trabalhar, na cena, pela primeira vez juntos. Lá dentro tinham também currículos das pessoas que queríamos que estivessem conosco nessa montagem e que vocês ouvirão neste filme. Lembro que ouvíamos um álbum de 1995 onde Vânia Bastos cantava Caetano Veloso e nossa música preferida era uma que dizia assim: pelo mundo inteiro eu espero a visão que comove, Pelé disse love love love. E se formos para o dia 1 de outubro de 1977 descobriríamos que diante de um estádio lotado em Nova York o jogador se despediu definitivamente do futebol com um discurso curto onde o mundo ouviu ecoando com força e pausadamente três loves.

Em 2013 também, o Fernando me emprestou a biografia da Carmen Miranda escrita por Ruy Castro. Falamos muito sobre a artista que já amávamos e particularmente das 10 de 632 páginas onde líamos em voz alta e repetidamente as cartas de amor escritas por Carmen para um marinheiro brasileiro.

Assim, com amor, cartas, despedidas, três amores em inglês e com o projeto sendo levado pelo carteiro para a Fundação Cultural de Curitiba, esperamos.

Agora voltamos para 2016, mas antes do quarto mês. Estamos então em janeiro deste ano em uma casa querida na Travessa João Prosdócimo, 77 e acabamos de buscar a Isabel que estava vindo de São Paulo, no aeroporto. Fizemos um café e falamos sobre desejos, do que poderia vir a ser essa *LOVLOVLOV* – queríamos desde que vímos Rainhas – Duas atrizes em Busca de um coração encontrar a Bel trabalhando. Em processos aprofundados de imersão e compartilhando matérias e materiais, fomos nos encontrando e encontrando a equipe. O espaço cênico é uma cabine – uma alusão direta ao extinto Museu da Carmen Miranda, a plateia é dividida – eu e Fernando somos Carnes Miranda, falamos de Curitiba, visitamos o Teatro, trabalhamos ao vivo e remotamente, criamos os textos e chegamos então até o dia 14 de abril de 2016 – Edith, Fernando e eu em cena, nos bastidores toda a equipe. Estreados, fomos todos comemorar em um restaurante e acabamos com o dia raiando em uma churrascaria 24 horas. No outro dia à noite começaríamos tudo outra vez. Neste mesmo ano, em dias muito frios em Curitiba e muito quentes em São José do Rio Preto mostramos o lov no FIT. No outro ano, agora já com o Michel Temer como presidente, montamos tendas enormes na Casa Sesi Heitor Stockler de França e fizemos dez apresentações no Festival de Curitiba. Ali, além da peça demos uma oficina chamada O Coveiro. Em 2017 também ocupamos a Caixa Cultural São Paulo - foi um doce novembro entre a Praça da Sé e Santa Cecília.

Entre as apresentações do *LOVLOVLOV* e com o desejo de continuarmos todos juntos fizemos mais um projeto, agora já não era o carteiro que o levaria para FCC e sim, as frequências da internet. Partindo da coautoria e cocriação experimentadas na peça sobre o amor, queríamos expandir as relações e descobrir o que é que a nossa união fazia e como juntos faríamos uma segunda peça. Em 2017, unindo desejos, vontades e coisas que giravam entre Patti Smith, Roberto Bolanho e Bob Dylan, escrevemos em uma planilha o título: *People vs. People*. Seguimos nossas vidas trabalhando e, em 2019, nos encontramos em um apartamento no Alto da XV para levantar textos, palavras e línguas da segunda peça. O presidente agora era o Jair Bolsonaro e o mundo estava muito diferente. Saíram Patti, Roberto e Bob e entraram discursos icônicos de personalidades mundiais controversas. O discurso, tal como a realidade que vivíamos, estaria distorcido na montagem, re combinado e seria ele o elemento central de *People vs. People*. Como o título da peça, sentíamos nos nossos corpos que cada vez mais as gentes estavam contra as gentes. E, de algum modo, queríamos falar sobre isso, mostrando isso. No centro da ação um julgamento

– cabe ao público decidir quem é o culpado. Inversamente oposta ao *LOVLOVLOV* e, ao mesmo tempo, com características de montagem e linguagem próximas e de continuidade, no penúltimo mês de 2019, no recente e inacabado Teatro Sesi da Paula Gomes estreamos nossa segunda peça. “É muito importante, se a pessoa está dormindo a muito tempo, você de repente fazer uma ação vigorosa para que a pessoa se levante”, essa é umas das primeiras frases do texto que foi criado por mim, Isabel e Fernando.

Fizemos 24 apresentações, projetos de venda para continuar, escrevemos em Festivais, faríamos ela no Festival de Curitiba e daí.... daí veio a época da pandemia de COVID-19.

Mas antes disso, em 2018, mais um projeto foi enviado, desta vez para um Edital da Eletrobras: Uma peça sobre o Nikola Tesla. E antes e depois disso, em 2016, 2017, 2018, 2019, 2020 e 2021 escrevemos, praticamos e tentamos ser financiamos para realizar *O Coveiro* – peça que completará a tetralogia batizada de te(a)tralogia.

Então, agora estamos em 2020 com a excitação da aprovação da peça sobre Tesla. Realizaríamos a montagem em novembro deste ano em Curitiba e São Paulo. Alteramos funções de criação e convidamos e recebemos para dirigir a montagem, Nadja. Pautas pedidas, reuniões feitas e a alegria de poder continuar. Uma sorte misturada com muito trabalho. No terceiro mês de 2020 tudo suspendeu – o contexto se transformou brutalmente e paramos. E esperamos. O coronavírus foi implacável e exigiu que os encontros presenciais fossem cancelados. Impedidos por um vírus, como o mundo todo, começamos a trabalhar a distância e a rever modos e meios. E, no meio do ano, construímos um áudio série em três capítulos chamada *People vs. Tesla* – peça elétrica para ondas de rádio – uma experiência em áudio sobre Nikola Tesla. “No ano da tormenta, os algoritmos vão se revoltar, vão ter vida própria e pensarão controlar as máquinas e os cérebros”, diz nosso Tesla no Spotify. É o segundo mês de 2021, neste momento escrevemos mais um projeto para que *O Coveiro* possa ser levantado – esta peça será criada a partir de laboratórios de escrita. O desejo é que o texto seja assinado por todos os participantes. Até hoje fizemos três laboratórios. Será meu primeiro solo. Enquanto isso trabalhamos com a ideia de fazer teatro na presença novamente. Então, Tesla está programado para acontecer em São Paulo no décimo mês de 2021. Não sabemos o que será, mas sonhamos.

Agora estamos aqui, dentro de um filme que foi criado por meio de uma lei de emergência. Estamos em crise. E vivemos irrefreáveis.

Sonhamos e realizamos, Fernando, Isabel, Edith, Cindy, Beto, Augusto, Nadja, Elke, Renata, Paulo e eu. Um grupo de pessoas unidas por um grupo de peças. Uma te(a)tralogia no meio do caminho. Continua....

### **Um processo de luz e sombra**

**\*transcrição, entrevista com Isabel Teixeira para o filme te(a)tralogia.doc (fevereiro de 2021):**

Eu não consigo vislumbrar muito *O Coveiro*, mas aquele alicerce dele é muito interessante, né, porque o Coveiro é um módulo da *Escrita na Cena*, onde existe uma adaptação para um workshop. O que, o que eu falei lá atrás né, a *Escrita na Cena* eu vou abrir uma câmera, vou instigar, e provocar, inspirar um ator para que ele fale, né, isso é um fluxo narrativo que vai ser transcrito, essa transcrição vai ser ligada a várias outras transcrições e essas transcrições vão ser transcriadas em um texto, certo. Isso é o resumo da escrita na cena. Que agora eu retomai com vários atores diferentes e é muito legal como esse processo se adapta ao ator em questão. ----- *A Escrita na Cena* para *O Coveiro* é mais especial do que isso por que é um ator que fala durante uma hora, em um fluxo narrativo só que ele é provado por dramaturgos, só que essa provocação acontece *in loco*, em cena, por que a peça não é isso né. São alunos, inscitos, autores, que são treinados para olhar esta pessoa, que é o Diego, como Coveiro, e provocar esta pessoa, objetivamente, só que não sabemos como esta pessoa vai reagir. Por que o ator esta em cena. Nós gravamos isso, durante uma hora, isso é editado e isso é transcrito. Fizemos isso algumas vezes, só que a transcrição já é um texto. A gente coleciona essas transcrições e ai na hora, isso é a ultima coisa que eu falei para vocês do Coveiro, eu vislumbro que na hora tem um trabalho de gabinete, que é como costurar tudo isso, costurar o que se tem. É uma transcrição, muda só um pouquinho, por que essa criação nesse caso é de limpeza e organização. E eu acredito que nesse caso limpeza e organização eu chego em um texto que foi co-criado por todos esses workshops, somos todos nós que fizemos. E a partir deste texto, se vai para a cena e este texto vai mudar. Então isso é *O Coveiro*, que é um utopia, por que ele é, e isso acho que a gente tem que falar por que ele é mesmo, por que assim, a Maria das Cruzes que fez o workshop lá no SESI, ela se inscreveu, mas ela não foi todos os dias e ela ficou muito tímida no dia que ela foi e provocou muito pouco, mas ela estava ali, e ela ocupou um espaço naquela sala, nem que seja por

um dia em um workshop de três, né. Então ela estava ali, ela compunha aquele corpo, então é utópico, porque assim a escrita ela pode até ser uma presença ausente que colabora com ela. Pode ser até que uma presença ausente colabore com essa escrita. E tudo bem, e tudo bem. E sim existe dramaturgia, por que é, eu tenho falado muito isso, não é qualquer, né, tem um treino, depois existe uma dramaturgia, existe corta cola, existe uma primeira limpeza do texto e existe depois milhões de outras escritas. Que é o ator no caso o Diego que estava presente na elaboração de todos esses textos, que estava escrevendo, só que no ar da cena, na reação a provocação, no espaço vazio onde ele ficava as vezes ele também estava escrevendo, mas ele ainda vai escrever mais, por que ele vai pegar esse texto e vai ter que transformar isso em texto decorado, numa peça, ou seja uma coisa totalmente utópica, mas que abre, que abre porque depois da luz, da luz que a gente está em busca agora, no mundo, no tesla, na nossa te(a)tralogia, depois da luz o que que vem, né. E pra mim utopicamente cada um ocupa um espaço físico nesse planeta aqui e agora, por enquanto, por que é por enquanto, e esse espaço que a gente ocupa precisa ser respeitado, e nós temos que respeitar o espaço do outro. E se a Maria das Cruzes veio em um workshop e o que ela pode contribuir foi com a presença dela, e com um segundo de olhar interessado e que ela entendeu alguma coisa essa foi a contribuição dela e ela é bem vinda e ela faz parte. E então quando eu digo que a grande utopia, concretamente pode ser um programa da peça onde não exista mais nenhuma informação, mas exista só esse texto foi escrito por... e uma lista de nomes, em ordem alfabética que é uma, uma norma. Uma norma utilizada, não tem um primeiro nome um segundo nome, um terceiro nome. Talvez, depois da luz venha isso, assim, que cada um ocupe o seu lugar neste planeta, que é breve, que tem hora para acabar. Mas que nós ocupemos com alegria, felicidade, coerência e respeito, respeito e medida.

“Essa parte que te cabe nesse latifúndio, depois vai ser um pedaço de terra, ou uma urna com cinzas. Então que seja bom aqui. Encerrar um ciclo não uma interrupção dele, é uma continuidade”.